

questões globais

Julho de 1999, Volume 4, Número 2

Enfrentando o
Problema das
Drogas:

Iniciativas das Comunidades



A prevenção começa com os pais e as famílias, e requer o apoio das escolas e das comunidades. A ferramenta mais importante que temos contra o uso das drogas não é um distintivo ou uma arma, é a mesa da cozinha. Os pais podem prevenir o uso de drogas sentando-se com os filhos e falando com eles — honesta e abertamente — sobre os perigos que as drogas representam para as vidas e para os sonhos dos jovens.

Barry McCaffrey, Director

Diretor do Escritório de Política Nacional de Controle de Drogas

[Office of National Drug Control Policy]

Depoimento prestado no dia 16 de junho de 1999, perante o Subcomitê de Justiça Criminal, Política Sobre Drogas, e Recursos Humanos, do Comitê, da Câmara dos Deputados, para a Reforma e Fiscalização do Governo

questões globais

Uma Revista Eletrônica da Agência de Divulgação dos Estados Unidos
Volume 4, Número 2, Julho de 1999



índice

ENFRENTANDO O PROBLEMA DAS DROGAS: Iniciativas das Comunidades

ênfase

Encontrando um Objetivo Comum na Campanha Contra as Drogas6
O Escritório de Política Nacional de Controle de Drogas propõe uma abordagem, tendo a comunidade como base, para se tratar do problema do uso de drogas, e parabeniza os milhares de grupos que se uniram para fazer este trabalho.

Barry McCaffrey, Diretor do ONDCP

Os Tribunais Especializados em Drogas Completam uma Década de Sucesso8
Os tribunais das comunidades, especializados em drogas, são uma bem-sucedida novidade na abordagem jurídica aos problemas relacionados com as drogas. Seu progresso foi recentemente reconhecido pela Associação Nacional de Profissionais dos Tribunais Especializados em Drogas [National Association of Drug Court Professionals].

Janet Reno, Secretária da Justiça dos Estados Unidos

A Adoção de uma Perspectiva Global para Salvar as Crianças em Idade Escolar das Drogas10
A mais recente estratégia para o combate ao uso de drogas entre os jovens exige uma perspectiva global que envolve a família, a comunidade e as escolas.

Entrevista concedida por Bill Modzeleski, diretor da organização Escolas Seguras e Sem Drogas [Safe and Drug Free Schools], do Departamento de Educação dos Estados Unidos [U.S. Department of Education]

comentários

Todos São Responsáveis pela Prevenção do Uso de Drogas15
A Coalizão de Miami, Florida [Miami (Florida) Coalition] é reconhecida como um dos programas comunitários de prevenção contra o uso de drogas mais bem sucedidos do país. O apoio da comunidade empresarial tem sido um elemento crítico na mobilização do esforço antidroga nessa grande área metropolitana.

Bernie Diaz

Isso Pode Acontecer Aqui: Uma Pequena Cidade Enfrenta o Problema das Drogas	18
A Força-Tarefa para Livrar a Área da Grande Hazleton, Pensilvânia, das Drogas [Greater Hazleton (Pennsylvania) Area Drug-Free Task Force] possui poucos recursos além do comprometimento e da energia de cidadãos preocupados, mas está avançando a passos largos no sentido de conscientizar a comunidade em relação ao uso de drogas. <i>Charlene Porter</i>	
O Treinamento Para a Vida Evita o Uso de Drogas	21
O programa Treinamento de Habilidade para a Vida [Life Skills Training] tem como objetivo evitar que os jovens usem drogas, fazendo com que eles adquiram habilidades sociais que lhes permitam evitar as drogas e fazer opções de vida responsáveis. <i>Entrevista concedida pelo Dr. Gilbert Botvin, que desenvolveu o Treinamento de Habilidade para a Vida. O Dr. Bovin é professor de psiquiatria e saúde pública na Faculdade de Medicina da Universidade de Cornell [Cornell University Medical College].</i>	

relatórios e documentos

Crescendo sem Usar Drogas: Um Guia de Prevenção, para os Pais	25
Esses conselhos publicados pelo Departamento de Educação dos Estados Unidos explicam como as famílias podem criar as condições para que os jovens tenham os valores e a auto-estima necessários para evitar o uso de drogas.	
O ABC das Coalizões: Primeiros Passos	30
Coalizões Comunitárias Antidrogas da América [Community Anti-Drug Coalitions of America], uma organização de âmbito nacional, oferece aos ativistas comunitários um plano detalhado para a mobilização de um programa de prevenção às drogas nas suas áreas.	
Maneiras de Combater as Drogas	33
Estratégias bem sucedidas estão sendo usadas em estados, em todo o país, para combater o tráfico de drogas e preparar novas armadilhas para os traficantes. <i>Robert A. Babbage, Jr., de "State Government News," uma publicação do Conselho dos Governos Estaduais [Council of State Governments]</i>	

departamentos

Bibliografia	37
Livros, documentos e artigos sobre a prevenção ao uso de drogas.	
Sites na Internet	40
Uma lista de sites na Internet, nos quais são oferecidas maiores informações a respeito da prevenção ao uso de drogas e álcool e assuntos relacionados a esse tema.	

questões globais

Uma revista eletrônica da Agência de Divulgação dos EUA
ejglobal@usia.gov

Editora Responsável	Rosemary Crockett
Editor	William Peters
Editora Executiva	Charlene Porter
Chefe de Redação	Jim Fuller
Editor de Internet	Tim Brown
Editores Associados	Guy Olson
.....	Wayne Hall
Colaboradora	Ellen F. Toomey
Pesquisadoras	Monica Mieroszewska
.....	Joan Taylor
Diretora de Arte	Chloe Ellis
Assistente de Programação Visual	Sylvia Scott
Conselho Editorial	Howard Cincotta
.....	Rosemary Crockett
.....	J. Davis Hamill

Fotos da capa: copyright 1999 Uniphoto Pictor

As revistas eletrônicas da USIA, publicadas e transmitidas para o mundo inteiro a cada três semanas, examinam as principais questões que afetam os Estados Unidos e a comunidade internacional. As revistas — PERSPECTIVAS ECONÔMICAS, QUESTÕES GLOBAIS, QUESTÕES DE DEMOCRACIA, AGENDA DE POLÍTICA EXTERNA DOS EUA, e SOCIEDADE E VALORES DOS EUA — apresentam análises, comentários e informações de caráter geral em suas áreas temáticas. Todas as revistas são publicadas em inglês, francês, português e espanhol, e alguns números também aparecem outras línguas — notadamente em árabe e russo.

As opiniões apresentadas nas revistas não refletem, necessariamente, as opiniões e políticas do governo norte-americano. Favor observar que o USIS não assume nenhuma responsabilidade pelo conteúdo e nem pela continuidade do acesso aos sites da Internet para os quais há links nesta publicação; tal responsabilidade cabe aos respectivos provedores. Os artigos podem ser reproduzidos e traduzidos fora dos Estados Unidos, a não ser que haja restrições de copyright mencionadas em alguma parte dos mesmos.

Os números atuais ou anteriores das revistas podem ser encontrados na Home Page do U.S. Information Service (USIS) [Serviço de Divulgação dos Estados Unidos] na World Wide Web, seguinte endereço: "<http://www.usia.gov/journals/journals.htm>". Eles se encontram disponíveis em vários formatos eletrônicos para facilitar a visualização on-line, a transferência, o downloading e a impressão. Os comentários serão bem recebidos no escritório mais próximo do USIS ou na redação
Editor, Global Issues (ITGIC)
U.S. Information Agency
301 4th Street, SW
Washington, D.C. 20547
United States of America.

Você pode também enviar o seu E-mail para este endereço:

ejglobal@USIA.gov.

ÊNFASE

Encontrando um Objetivo Comum na Campanha Contra as Drogas

Barry R. McCaffrey, director
Diretor do Escritório de Política Nacional de Controle de Drogas
[Office of National Drug Control Policy]

Uma estratégia antidroga, para ser eficiente, deve se concentrar tanto na oferta quanto na procura. A luta contra o uso de drogas precisa ser travada nos lares e nas escolas, em todas as comunidades. O problema se repete sempre, no momento em que cada geração de crianças abandona a inocência e chega à maturidade. Seremos capazes de vencer a batalha contra o uso de drogas quando os pais, os professores, os cidadãos e as autoridades governamentais trabalharem em conjunto, para ensinar os jovens a rejeitar as drogas ilegais e a aceitar um estilo de vida saudável.

Em 1997, a organização em que trabalho conseguiu unir os esforços de um grupo enorme e variado de americanos nesse esforço. A "Prevenção por Meio de um Trabalho em Conjunto" [Prevention Through Service Alliance] reuniu quarenta e sete organizações cívicas, de serviços, de ex-combatentes, de mulheres e de fraternidades, para ajudar a reduzir o uso de drogas entre os jovens. Essas organizações representam cem milhões de pessoas de quase um milhão de seções locais em todo o território dos Estados Unidos. Elas assumiram o trabalho de prevenção contra as drogas da mesma forma que vinham fortalecendo o tecido da sociedade em um esforço para melhorar as vidas das pessoas necessitadas, nas suas comunidades.

Temos 4.300 Coalizões Antidrogas da Comunidade

[Community Anti-Drug Coalitions], em grandes e pequenas cidades em todos os estados, que têm como objetivo ajudar os jovens a compreender os perigos do uso de drogas. Os indivíduos, famílias e comunidades envolvidos estão assumindo responsabilidades, no sentido de descobrir porque as pessoas usam drogas, determinar o que fazer para que elas parem e implementar ações para que as famílias e as comunidades fiquem livres de drogas.

Para contribuir com esses esforços, o Congresso dos Estados Unidos criou o Programa de Apoio para as Comunidades Livres de Drogas [Drug-Free Communities Support Program] em 1997. O programa repassa verbas de até cem mil dólares por um período de um ano, como um subsídio para a colaboração e a coordenação na luta contra as drogas ilegais, o álcool e o tabaco.

As primeiras verbas foram entregues a noventa e duas coalizões comunitárias em 1998. Nosso escritório, em parceria com o Escritório de Justiça e Prevenção de Delinquência Entre os Jovens, do Departamento de Justiça [Justice Department's Office of Juvenile Justice and Delinquency Prevention], também oferece treinamento e assistência técnica para a prevenção do uso de drogas, para esses grupos locais. Além disso, nós os ajudamos a ter uma medida do seu próprio progresso, avaliando os resultados. A Comissão

Consultiva para as Comunidades Livres de Drogas [Drug-Free Communities Advisory Commission], nomeada pelo presidente Clinton, também trabalha com o intuito de fornecer informações e orientação para esses grupos. Pais, jovens, escolas e associações de jovens estão envolvidos, bem como as empresas, a mídia, os órgãos de segurança, os grupos cívicos e os profissionais da área de saúde.

Ao auxiliar esses grupos locais, compartilhamos experiências e percepções a respeito de abordagem de eficácia comprovada. Descobrimos que qualquer estratégia para a redução do uso de drogas precisa ser baseada em uma avaliação abrangente dos problemas. Os melhores programas de prevenção adotam estratégias múltiplas e se destinam especificamente a um determinado público-alvo. Eles não terminam com apenas uma sessão; sessões subsequentes reforçam a mudança de comportamento. Finalmente, é necessário que esses esforços sejam submetidos a avaliações periódicas, para que os resultados possam ser mensurados.

A conscientização das comunidades e a divulgação das informações sobre o perigo do uso das drogas são atividades críticas, e agora temos sugestões que vêm sendo testadas através do tempo, no que diz respeito a essas atividades, para os grupos locais. O uso da mídia para acabar com as mentiras, e para conscientizar as pessoas tanto do problema quanto da solução, é apenas o primeiro passo. As coalizões comunitárias são particularmente eficazes quando não se limitam a pregar, ou seja, quando ajudam as pessoas a desenvolver habilidades úteis. A orientação para os pais e programas de introdução e interpretação da mídia para os adolescentes são dois exemplos.

Os adolescentes curiosos não precisam apenas de informações e de conhecimentos sobre a mídia para ficarem longe das drogas. Eles precisam de atividades interessantes que possam ajudá-los a resistir à tentação das drogas. A arte, a música, o teatro, os esportes e o trabalho voluntário sempre enriqueceram as vidas dos jovens e sempre os motivaram no sentido de evitar um comportamento destrutivo.

Mais de cinquenta órgãos do governo federal trabalham em conjunto com o Escritório de Política Nacional de Controle de Drogas para criar a infra-estrutura do esforço de prevenção às drogas nos Estados Unidos. Ao mesmo tempo, milhares de grupos locais no país inteiro ajudam as pessoas a evitar o uso de drogas e a se recuperar dos desastres que as drogas possam ter causado. As estatísticas demonstram que estamos no caminho certo. O uso de drogas nos Estados Unidos chegou ao seu ponto mais alto em 1979, ano em que 13 por cento da população declarou ter usado algum tipo de narcótico ilegal. Em 1997, esse número caiu em mais de 50 por cento, somente 6 por cento da população declarou estar usando drogas.

Atualmente, nosso objetivo é, novamente, fazer com que esse número chegue à metade. Esperamos reduzir a taxa de uso de drogas na população a apenas 3 por cento. Com tantos cidadãos, famílias e grupos envolvidos com o trabalho de prevenção em comunidades no país inteiro, estamos convencidos de que esse objetivo pode ser alcançado.

OS TRIBUNAIS ESPECIALIZADOS EM DROGAS COMPLETAM UMA DÉCADA DE SUCESSO

Secretária da Justiça dos Estados Unidos, Janet Reno

Os tribunais especializados em drogas têm se destacado entre as mais eficazes estratégias do poder judiciário para a reabilitação dos usuários de drogas. Juizes, promotores e advogados de defesa trabalham em conjunto com o acusado em um regime de audiências e entrevistas que se destinam tanto a recuperar e reabilitar quanto a punir. Em um intenso programa de monitoramento e supervisão, o juiz pode se tornar o confessor, mentor e orientador do acusado, reconhecendo, no decorrer de todo o processo, a natureza séria e desgastante do uso de drogas como distúrbio.

A secretária da Justiça dos Estados Unidos Janet Reno era a promotora pública do Estado no condado de Dade, na Flórida, em 1989, e ajudou a criar o primeiro tribunal especializado em drogas nos Estados Unidos. Reno proferiu um discurso quando a Associação Nacional de Profissionais dos Tribunais Especializados em Drogas [National Association of Drug Court Professionals] se reuniu em Miami em junho de 1999, após uma década de progresso reconhecido. A seguir apresentamos trechos desse discurso.

Quando eu penso no que aconteceu em 10 anos, eu apenas digo que deu certo. Vocês podem fazer as coisas mudarem; vocês podem ter idéias e fazer com que elas se realizem. Vocês podem ver vidas sendo salvas. Vocês podem ver bebês nascendo livres de drogas. Vocês podem ver as pessoas começando de novo. Vocês podem ver a redução da criminalidade. E tudo isso acontece por causa da energia e da noção de comprometimento das pessoas que estão nesta sala, e eu os saúdo e digo: "continuem".

Atualmente, há mais de 390 tribunais especializados em drogas em funcionamento e mais de 200 estão em fase de planejamento. O que é ainda mais surpreendente é a adoção da filosofia do tribunal especializado em drogas, em conjunto com

sanções — na verdade trata-se do método tradicional do prêmio e do castigo.

Acho que estamos falando de uma nova era dos tribunais deste país. Se os tribunais puderem controlar o caso, se os tribunais tiverem os recursos para dar aos delinquentes juvenis uma chance de se tornarem fortes de uma maneira positiva e de impor mudanças, e se os tribunais puderem ter a garantia de um programa de reintegração que dê às pessoas uma oportunidade de retornar à comunidade com uma chance de serem bem-sucedidas, os tribunais podem mudar, e muito, as coisas. Se os tribunais puderem examinar a questão sob o ponto de vista de resolução de problemas, e sob um ponto de vista comunitário, em vez de apenas como teorias legais, realmente é possível mudar as coisas. Acho que estamos em uma nova era porque percebemos que o sistema de justiça criminal e a comunidade do serviço de saúde, podem fazer muito mais juntos, em parceria, do que separados.

Vejam o que aconteceu. Mais de 140.000 indivíduos deram entrada nos tribunais especializados em drogas no país inteiro, e provavelmente, pela primeira vez, tiveram um acompanhamento de verdade, que pode fazer uma diferença no processo de transformá-los em pessoas sóbrias e livres de drogas. Mais de 14 estados sancionaram leis relacionadas com a autorização de funcionamento ou o custeio de tribunais especializados em drogas, e vários outros estados estão prestes a fazer a mesma coisa.

Nossas comunidades estão se beneficiando. Mais de 750 bebês já nasceram livres de drogas, filhos de participantes dos tribunais especializados em drogas. Essa é uma das minhas estatísticas favoritas. Precisamos melhorar esses números, porque ainda

há um número excessivo de crianças que nascem com muitas drogas no organismo. Mais de 3.500 pais puderam retomar a custódia dos seus filhos como resultado da sua participação nos tribunais especializados em drogas. Mais de 4.500 pais colocaram em dia a pensão alimentícia dos seus filhos devido à sua participação nos tribunais especializados em drogas, e eu acho que isso é maravilhoso.

O que ficou muito claro é que precisamos ter uma avaliação do tribunal especializado em drogas para que possamos ver continuamente, constantemente como podemos aperfeiçoá-lo, e para que nunca deixemos os padrões caírem. Essas avaliações têm sido extraordinariamente importantes e hoje sabemos muito mais sobre o sucesso dos tribunais especializados em drogas do que sabíamos até mesmo no ano passado. Sabemos, devido à Pesquisa do Centro Nacional da Universidade de Colúmbia Sobre o Uso e Vício em Drogas [Columbia University National Center on Addiction and Substance Abuse Study], do ano passado, que os tribunais especializados em drogas proporcionam um acompanhamento mais próximo e mais abrangente, e exames e monitoramento do uso de drogas com muito mais frequência, durante o programa, do que outras formas de supervisão comunitária. E o que é ainda mais importante, o consumo de drogas e o comportamento criminoso têm diminuído consideravelmente durante o tempo em que os acusados estão participando das atividades dos tribunais especializados em drogas.

Estes são resultados concretos. Estamos começando a ver um sistema de tribunais especializados em drogas que rompe o círculo vicioso do uso de drogas e do crime. Acredito que o conceito do tribunal especializado em drogas, se for expandido para outras áreas, pode se tornar um instrumento importante para ajudar esta nação a por um fim na cultura de violência que a assola há tanto tempo.

Eu costumava me perguntar o que aconteceria se começássemos a examinar a criminalidade na América sob o ponto de vista de resolução de problemas, reunindo, em cada comunidade, a polícia, as escolas, os parques, os especialistas em recreação, a comunidade empresarial e a comunidade médica. Se pudermos nos reunir, se pudermos tratar da questão das armas da mesma

forma pela qual tratamos das drogas e dos tribunais especializados em drogas, se pudermos lidar com os problemas dos jovens que, com frequência demasiada, ficam desacompanhados nas tardes e nas noites, poderemos realmente mudar as coisas neste país.

Podemos continuar a reduzir a violência — ela sofreu uma diminuição durante sete anos seguidos — se dermos continuidade ao que vocês estão fazendo aqui, atualmente. Mas é imperativo, para que tenhamos sucesso, que os tribunais especializados em drogas alcancem uma faixa mais abrangente da população e tenham um impacto ainda maior sobre todos os aspectos da nossa comunidade. Apesar de todo o sucesso que testemunhamos, só estamos atingindo uma pequena fração das 800.000 prisões, aproximadamente, que são feitas por porte de drogas anualmente, isso sem falar dos crimes relacionados às drogas e das violações de liberdade condicional. A abordagem do tribunal especializado em drogas pode proporcionar a estrutura para supervisionar, sob o ponto de vista, todos os casos — adultos, família e delinquentes juvenis — que englobam os indivíduos acusados de uso de drogas. Sabemos que essa abordagem funciona.

O Departamento da Justiça e o governo estão realmente satisfeitos. Eu fico feliz em ver que está havendo um aumento no apoio, por parte do governo federal, ao trabalho que vocês estão fazendo na sua comunidade. Em comparação com uma verba de 11,9 milhões de dólares quatro anos atrás, hoje a verba chega a 40 milhões de dólares.

Não podemos parar por aqui. Não é o dinheiro que vai fazer dos tribunais especializados em drogas o tremendo sucesso que eles podem ser. O tribunais especializados em drogas tratam de pessoas, tratam de resolver os problemas das pessoas. Por causa das pessoas, nesta sala, de todas as partes deste país, mostramos que é possível tratar desses problemas tendo as pessoas em mente, com suas esperanças, seus medos, seus sonhos, seus fracassos, suas frustrações, e ajudá-las a reconstruir suas vidas. Podemos resolver os problemas dessas pessoas e podemos resolver os problemas da nação, e transformar esta nação em um lugar mais seguro, mais saudável, onde todos possamos viver.

A ADOÇÃO DE UMA PERSPECTIVA GLOBAL PARA SALVAR AS CRIANÇAS EM IDADE ESCOLAR DAS DROGAS

Entrevista concedida por William Modzeleski, diretor do Programa de Escolas Seguras e Sem Drogas [Safe and Drug Free Schools Program], do Departamento de Educação dos Estados Unidos [U.S. Department of Education].

Modzeleski diz que estratégias abrangentes, baseadas na escola e na comunidade, estão sendo adotadas para prevenir o uso de drogas e do álcool nas escolas, incluindo programas baseados em pesquisas e que, comprovadamente, têm causado um impacto sobre o comportamento dos alunos. Modzeleski foi entrevistado por Jim Fuller.

Pergunta: Que estratégias estão sendo usadas para prevenir o uso de álcool e drogas nas nossas escolas?

Modzeleski: O Programa de Escolas Seguras e Sem Drogas é o principal programa do governo federal com o objetivo de prevenir o uso de drogas e de álcool e a violência nas escolas. É o único programa que repassa verbas diretamente para as secretarias estaduais de educação, e, em seguida, para os distritos escolares locais em todo o território dos Estados Unidos.

Aproximadamente 97 por cento dos distritos escolares nos Estados Unidos, na verdade, recebem verbas do Programa de Escolas Seguras e Sem Drogas, para a prevenção do uso das drogas, prevenção da violência e para programas de disciplina nas escolas -- programas que, basicamente, se destinam a criar locais seguros para o aprendizado e a evitar o uso de álcool e das drogas entre as crianças.

Historicamente, as escolas têm utilizado essas verbas e outras verbas do governo estadual e entidades locais para desenvolver programas como o DARE [Educação para a Resistência ao Uso de Drogas] (Drug Abuse Resistance Education) ou

"Here's Looking At You 2000" [Olhando para Você no Ano 2000] para que as crianças tenham informações a respeito do álcool e das drogas.

Mais recentemente, no entanto, os programas evoluíram. Agora eles não são apenas fontes de informação e sim programas que se destinam à aquisição de habilidades sociais. Esses programas, na verdade, fazem com que as crianças adquiram não apenas as habilidades para compreender melhor as questões referentes ao álcool e às drogas, mas também as habilidades sociais necessárias para evitar que elas tomem drogas ou usem drogas quando outras crianças tentarem envolvê-las no uso de álcool e drogas.

Mas mesmo mais recentemente, eu diria que estamos evoluindo. Estamos passando por um processo de evolução, e no momento estamos examinando uma estratégia muito mais abrangente, e de uma base muito mais ampla, para prevenir as drogas e a violência. Compreendemos claramente a importância do papel das escolas nas questões relacionadas ao uso de drogas. Mas para que sejamos bem sucedidos nos nossos esforços para combater o uso de drogas, neste país, é preciso envolver a família, é preciso envolver a comunidade e é preciso envolver as escolas.

Portanto, nossa estratégia tem sido desenvolver o que chamamos de estratégias baseadas na escola e na comunidade, através das quais a questão é examinada por uma perspectiva muito mais global.

P: O Departamento de Educação, há várias décadas, vem apoiando programas como "Diga Não às Drogas" [Just Say No] ou DARE, nos quais os policiais visitam as escolas para falar sobre as drogas. Esses programas estão sendo substituídos?

R: De modo geral, eles estão sendo substituídos.

No dia 1º de julho de 1998, instituímos uma norma conhecida como os Princípios da Eficácia [Principles of Effectiveness], por meio da qual declaramos que todas as escolas que estivessem usando verbas do Programa de Escolas Seguras e Sem Drogas [Safe and Drug Free Schools Program], teriam que seguir quatro princípios:

- Primeiro, elas teriam que fazer uma avaliação dos problemas que estavam enfrentando;
- Segundo, elas teriam, com a ajuda dos alunos e da comunidade, que estabelecer metas e objetivos mensuráveis;
- Terceiro, elas teriam que usar programas baseados em pesquisas, e programas que, pelo que soubéssemos, apresentassem resultados mensuráveis ou demonstrassem ser eficazes na redução do uso de álcool e drogas; e
- Quarto, elas precisariam conduzir avaliações.

Sabemos que drogas e álcool são questões muito complexas. Não se trata apenas de dizer às crianças para dizerem não. E, para que sejamos eficazes, precisamos fazer mais do que apenas dizer às crianças para dizerem não. Precisaremos nos envolver em uma série de programas, uma série de esforços de prevenção e uma série de iniciativas de intervenção no início do processo.

As escolas estão começando a reconhecer isso e estão começando a evitar alguns programas mais simplistas que foram criados com as melhores intenções, e, na minha opinião, cumpriram a finalidade a que se destinavam, no passado. Mas na atual conjuntura, acho que já apreendemos muito a partir das pesquisas e estamos avançando rumo à implementação de programas baseados em pesquisas, e que, comprovadamente, tenham causado um impacto e um efeito na mudança do comportamento e na redução do consumo de álcool e de drogas.

P: Qual é a atual situação nas nossas escolas, no que diz respeito ao consumo de álcool e de drogas?

R: Antes de mais nada, o álcool é, de longe, a substância de maior consumo entre as crianças e adolescentes. Seu consumo tem tido seus altos e

baixos, mas no momento ele está sendo usado a um nível inaceitavelmente alto. No que diz respeito às drogas, a maconha é, de longe, a droga mais popular entre as crianças e os adolescentes. No entanto, o uso de drogas ilegais no decorrer do ano passado apresentou uma ligeira diminuição entre os alunos da oitava série do primeiro grau e os alunos da primeira e da terceira série do segundo grau. Mas esse pequeno decréscimo foi precedido de cinco anos de aumento constante, os quais vieram após aproximadamente uma década de constante diminuição. Portanto, trata-se de um problema cíclico, no qual temos visto aumentos seguidos de decréscimos.

Também sabemos que se pudermos mudar o comportamento, as atitudes dos jovens em relação ao álcool e às drogas, percebemos que, após aproximadamente um ano, o uso de drogas diminui. Portanto, ficamos satisfeitos devido ao fato de que, ao analisarmos as atitudes dos alunos da oitava série do primeiro grau e dos alunos da primeira e da terceira séries do segundo grau, no que diz respeito às drogas ilegais, acreditamos firmemente que essa diminuição de um ano, ocorrida no ano passado, se manterá por mais dois anos, aproximadamente.

Acho que há outras ações e atividades, como a campanha, veiculada pelos meios de comunicação de massa, que o Escritório de Política Nacional de Controle de Drogas [Office of National Drug Control Policy] está promovendo, que ajudará a estimular e reforçar atitudes positivas, em vez das atitudes negativas que podem levar a um uso mais intenso de álcool e drogas.

Na verdade, eu não acho que o consumo de álcool e de drogas é um problema sério nas nossas escolas. Acho que fizemos um excelente trabalho no sentido de coibir o consumo nas escolas. Todas as escolas neste país possuem políticas contra o uso de drogas ilegais, contra o uso de álcool, contra a posse, o uso, a venda, a transferência, a distribuição, a compra e o armazenamento de drogas ilegais e/ou álcool. Portanto, está claro, que no que diz respeito à política, estamos no lugar certo. Todas as escolas proibiram o consumo.

Em segundo lugar, embora saibamos que as drogas e os álcool chegam às escolas, acho que estamos

fazendo um bom trabalho no sentido de fazer com que os professores e administradores reconheçam, claramente, o fato de que não há lugar para álcool ou drogas nas escolas. Essas substâncias não deveriam ser aceitas. Sua presença não deveria ser tolerada. Há um número significativo de escolas que estão desenvolvendo políticas de tolerância zero no que diz respeito ao álcool e às drogas nas escolas.

Achamos que os professores estão se tornando mais conscientes no que diz respeito a essas questões, mais cientes da relação entre o consumo do álcool e a educação, o ensino e o aprendizado. Trata-se de uma questão importante. Eu acho que, sob o ponto de vista educacional, nós compreendemos claramente que as crianças e adolescentes que consomem drogas ilegais ou álcool não podem dar o melhor de si como alunos, e no momento em que estamos agindo para criar padrões mais altos de aprendizado, no momento em que estamos agindo para melhorar, de fato, o nosso sistema educacional, para assegurar que todos os tipos de alunos atendam aos altos requisitos determinados pelos estados, não há lugar para o consumo de álcool ou drogas.

Portanto, no que diz respeito às escolas, acho que estamos fazendo um bom trabalho. Sempre é possível melhorar. Acho que temos que nos esforçar, sempre, para nos certificarmos de que as crianças e adolescentes entendam o recado: o álcool e as drogas não serão tolerados.

Agora, quando se fala no consumo de álcool e drogas nas escolas, essa é uma questão. A questão mais ampla é: estamos fazendo um bom trabalho na prevenção do consumo do álcool e das drogas em geral? Acho que nesse ponto a história fica confusa. Temos uma grande rede de ensino neste país. Temos 53 milhões de alunos freqüentando as escolas, e eu acho que nenhum de nós vai ficar sentado aqui dizendo que todos os 53 milhões estão indo direto para a escola todos os dias sem se envolver com álcool ou com drogas. Observamos que houve uma certa diminuição no último ano. Esperamos que essa diminuição se mantenha nos próximos dois anos. Achamos que estamos no rumo certo. Achamos que com programas mais abrangentes, com o relacionamento entre as escolas e as comunidades, com a conexão de tudo

isso a uma campanha nacional que faça com que os pais e os alunos reconheçam que este tipo de comportamento é inaceitável, nós continuaremos no rumo certo.

P: O senhor mencionou políticas mais rigorosas nas escolas e melhores relacionamentos entre os professores e os alunos. Na sua opinião, qual é, de fato, a chave para prevenir o uso de drogas e álcool entre os alunos?

R: Acho que a prevenção começa cedo. Acho que não podemos esperar até o segundo grau ou mesmo até a quinta ou sexta série do primeiro grau para começar a pensar em prevenção. Acho que a melhor maneira de prevenir o consumo de álcool ou de drogas na escola é começar em casa, antes de as crianças irem para a escola. Os pais e as mães devem falar com seus filhos, não só sobre o consumo de álcool e de drogas, mas sobre o que é certo e o que é errado, o que é comportamento aceitável e o que é comportamento inaceitável. Isso se aplica a uma série de comportamentos, incluindo, mas não se limitando ao consumo de álcool e de drogas. A melhor prevenção consiste em definir as normas e padrões desde cedo.

Acho que o papel da escola é reforçar essas normas. Não acho que as escolas substituem os pais. Os pais realmente precisam dar início a esse esforço, e em seguida isso é reforçado pela comunidade, e reforçado pela escola. Quando a mensagem não vem, com certeza, de casa, fica muito difícil, para os professores, inverter o que é dito ou feito em casa.

Há coisas que as escolas podem fazer. Acho que a Secretaria da Educação freqüentemente fala sobre a questão da conectividade. Trata-se de uma questão importante. Conectividade significa que o que precisamos fazer é estabelecer uma conexão melhor entre os jovens e os adultos -- seja por meio de um programa de orientação; ou um número menor de alunos em uma sala de aula, para que os professores possam reconhecer, com clareza, todos os alunos da sala; ou escolas menores, onde ninguém passe despercebido, e onde as crianças ou adolescentes tenham a oportunidade de praticar esportes, de se envolver com as artes e com o lado acadêmico das coisas; ou professores que sejam profissionalmente treinados

para perceber os sinais de que os alunos estão se metendo em confusão, de que os alunos estão consumindo álcool e drogas, e para interagir com essa situação.

Prevenção não significa apenas colocar um programa em uma escola, uma hora por semana, durante 15 ou 20 semanas e dizer: "Agora já fizemos a nossa prevenção." Prevenção é um estilo de vida, prevenção é um processo, prevenção é uma estratégia; a prevenção tem que começar cedo e tem que permear tudo o que fizermos no decorrer do ano escolar. Se não agirmos assim, nunca atingiremos o nosso objetivo.

P: Os programas das escolas estão tentando dar esse recado para os pais — de que eles devem ter uma ligação mais estreita com os seus filhos?

R: Como eu disse, o envolvimento dos pais é essencial, e o Departamento de Educação, como um todo, está procurando maneiras de fazer com que os pais se liguem mais às vidas dos seus filhos. O presidente Clinton e a primeira dama falaram nisso várias vezes.

E a questão aqui não é que os pais devem passar mais tempo com os seus filhos. Esse tempo precisa ter mais qualidade. Há um belíssimo anúncio na TV, sobre a prevenção do uso das drogas, produzido pelo Escritório de Política Nacional de Controle de Drogas. No comercial, há um garoto comendo cereais, à mesa da cozinha, e o pai, sentado, lendo um jornal, e durante 45 segundos, ninguém fala nada. E o anúncio diz: "Você perdeu uma oportunidade de falar sobre esta questão." E eu acho que isso diz tudo. Esse pai está passando algum tempo com o seu filho. Mas precisamos analisar a qualidade do tempo que os pais estão passando com os seus filhos.

E não se trata somente dos pais. Também temos que avaliar outras instituições sociais que têm sido criadas, na nossa sociedade, para ajudar. É o caso das igrejas, das equipes esportivas, das associações que atendem aos jovens, como clubes para meninos e meninas — todas essas coisas fazem parte do tecido da sociedade. Não quero dizer que estamos falando de uma coisa que só diz respeito aos pais ou às escolas. Estamos falando da comunidade, na qual os pais e as escolas têm um papel muito

importante. Há muitos outros grupos e organizações por aí que realmente precisam se envolver com as vidas das famílias, com as vidas das crianças e adolescentes, e quanto mais pudermos obter esse envolvimento, melhor será a nossa situação.

P: O senhor acha que será possível dar mais atenção individual aos alunos quando algumas das nossas escolas de segundo grau de grande porte chegam a ter 5.000 alunos matriculados?

R: O Departamento de Educação não está dizendo que devemos pegar essas escolas grandes — as que têm 5.000 ou 4.000 alunos e derrubá-las com um trator enorme. Acho que precisamos olhar para essas escolas que já são grandes, e trabalhar no sentido de criar escolas dentro das escolas. Como podemos criar mecanismos para que possamos transformar essas escolas fisicamente grandes em escolas muito menores? Existem meios de se fazer isso. Você pode fazer isso por meio de uma divisão por série, ou você pode fazer escolas dentro de escolas — com certeza há meios de se conseguir criar uma atmosfera de intimidade, de escola pequena, onde ninguém passe despercebido, até mesmo em uma escola onde o número de alunos é muito grande.

P: Estamos gastando dinheiro suficiente nesses programas?

R: Eu diria, com certeza, que nós, coletivamente — incluindo os governos federal, estaduais e municipais, bem como os grupos e organizações das comunidades — provavelmente não estamos gastando o suficiente na questão da prevenção. Não estamos dedicando tempo, nem dinheiro e nem esforço a essa questão.

Acho que a segunda parte da questão é que não apenas não estamos gastando, coletivamente, o suficiente, como também é provável que nem sempre estejamos gastando o dinheiro com as coisas certas.

Portanto, temos que ver como podemos dedicar mais recursos à prevenção e à intervenção no início do processo, mas também precisamos ver como podemos nos certificar de que estamos gastando o dinheiro com alguma coisa que tenha qualidade. É

mais ou menos como comprar um aparelho eletrodoméstico. Você não vai querer comprar um aparelho que vai pifar com um ano de uso. Vamos comprar a coisa certa. Vamos comprar alguma coisa de qualidade.

Acho que temos que dizer a mesma coisa quando servimos as crianças. Não se trata de apenas um programa. Vamos nos certificar de que o programa funcione, vamos nos certificar de que o programa seja de boa qualidade, para que seja de alguma valia para a comunidade e para a criança.

P: O senhor tem uma atitude otimista quanto a sermos capazes de enfrentar o problema do uso de drogas no futuro?

R: Sim, estou muito otimista em relação ao futuro. Acho que aprenderemos mais com as pesquisas, e acho que, hoje, sabemos mais do que sabíamos cinco ou dez anos atrás; e acho que há mais interesse por parte das comunidades, de enfrentar a situação pelo que ela é, ou seja, um problema complexo, e de trabalhar com toda a comunidade para resolver o problema, em vez de ter apenas uma ou duas pessoas na rede de ensino procurando meios de resolver o problema.

Além disso, temos um número cada vez maior de redes de ensino examinando a questão sob o ponto de vista de escola/comunidade e dizendo: isso não é apenas uma questão de conteúdo programático dos cursos. Temos que fazer mais do que apenas colocar alguém em uma escola, uma hora por semana, ou qualquer que seja o caso, e há interesse, basicamente, em enfrentar esse problema, adotando uma perspectiva abrangente, com uma base bem ampla.

Jim Fuller escreve artigos sobre questões globais para a Agência de Divulgação dos Estados Unidos.

COMENTÁRIOS

Todos são Responsáveis pela Prevenção do Uso de Drogas

Bernie Diaz

A Coalizão de Miami, Flórida, em Prol de Uma Comunidade Segura e Livre de Drogas [Miami (Florida) Coalition for a Safe and Drug-Free Community] é reconhecida como um dos programas comunitários de prevenção do uso de drogas mais bem sucedidos do país. Ela ajudou a criar o Tribunal Especializado em Drogas de Miami - Condado de Dade [Miami-Dade County Drug Court], descrito pela secretária de Justiça Reno. Desde sua fundação, em 1988, o grupo tem contribuído, graças ao seu trabalho, para que houvesse uma diminuição significativa na quantidade de problemas associados ao consumo de drogas. Tais contribuições estão documentadas em muitos estudos federais, estaduais e municipais. A coalizão vem desenvolvendo programas para a implementação da prevenção do consumo de drogas em programas de treinamento profissional, e tem dado ênfase a programas de prevenção destinados aos imigrantes haitianos e cubanos. Os membros da coalizão têm ajudado pessoas de mentalidade similar em 564 cidades americanas e 64 países, a estabelecer coalizões comunitárias antidrogas.

Os dez anos de sucesso da Coalizão de Miami, Flórida, em Prol de Uma Comunidade Segura e Livre de Drogas, na luta contra o consumo de drogas não representam um mistério, nem uma coisa complicada. Trata-se de um esforço fundamental e organizado, entre vários segmentos do setor privado, para combater uma ameaça social

perigosa. Além disso, ela se tornou a coalizão mais influente do seu tipo nos Estados Unidos e em toda a América Latina. Recentemente, a coalizão tem sido assediada por consultas de líderes dos setores público e privado na Argentina, Peru e Colômbia, sobre a melhor maneira de organizar associações desse tipo, na sua própria luta contra as drogas.

O aspecto mais curioso, e de certa forma, fascinante, da eficácia da coalizão tem sido o interesse da comunidade empresarial de participar desse esforço regional. Os empresários poderiam sentir nitidamente desmotivados em relação à sua participação. O ativismo comunitário nada acrescenta aos lucros das empresas. Outros grupos comunitários disputam a atenção dos líderes empresariais, clamando pelo seu envolvimento. Muitos desses líderes não tinham tempo nem vocação para se envolver de maneira tão eficiente e consistente.

Apesar de estar remando contra a maré, a coalizão conseguiu romper as barreiras do setor privado em 1988. Um grupo de líderes empresariais e comunitários socialmente ativos, muitos dos quais eram membros da Câmara de Comércio da Região Metropolitana da Miami [Greater Miami Chamber of Commerce], atendeu ao chamado para resolver um problema local urgente. Eles envolveram seus

pares, divulgando, de maneira eficaz, a necessidade que a comunidade empresarial tinha de se envolver no esforço da prevenção às drogas, por interesse financeiro, não por altruísmo.

Na segunda metade da década de 80, a área metropolitana de Miami foi abalada por uma epidemia de crack de proporções catastróficas. Os cartéis de drogas da América Latina eram uma presença ameaçadora na região. Os índices de consumo de drogas e de criminalidade relacionada com as drogas atingiram recordes históricos. Um programa de televisão, bem sucedido e popular no país inteiro, "Miami Vice" mostrava a cidade tropical à beira-mar como um local infestado pelo tráfico de drogas, violência e crime. O bem-sucedido programa de aventuras e de ação comprometeu os esforços da Câmara de Comércio no sentido de apresentar a cidade como um local decente e estável para se fazer negócios.

Nesse momento, a comunidade empresarial começou a perceber até que ponto o consumo de drogas estava prejudicando os lucros. Os analistas estimam que os lucros, em âmbito nacional, sofrem uma diminuição de quase 100 milhões de dólares por ano por causa do fraco desempenho dos usuários de drogas que estão na folha de pagamento das empresas. Ocorrências cada vez mais freqüentes de absenteísmo, atrasos, acidentes, pedidos de indenização por lesões sofridas em acidentes de trabalho, e perda de produtividade entre os empregados que consumiam drogas, estavam comprometendo seriamente os lucros das empresas. Uma empresa americana pode ter que pagar vários milhares de dólares a mais por ano para cada um dos seus empregados que consomem drogas do que paga pelos empregados que não se envolvem com o consumo de entorpecentes. Esse número passa a ter uma importância maior ainda quando analisado em conjunto com outras estatísticas relacionadas ao consumo de drogas no local de trabalho. Segundo uma pesquisa conduzida pela Administração de Entorpecentes e Serviços de Saúde Mental [Substance Abuse and Mental Health Services Administration], um órgão do governo federal dos Estados Unidos, de 7 a 9 por cento dos empregados em horário integral confessam que consomem drogas ou álcool enquanto estão trabalhando.

Os líderes da coalizão e os voluntários que fundaram a organização se inspiraram no sonho de livrar a comunidade empresarial de Miami das drogas. Bill Stokes, um executivo da Lockheed Martin, uma grande empresa de alta tecnologia, foi um dos líderes originais da coalizão depois de ajudar a formar um grupo que a antecedeu, Empresas Contra as Drogas [Businesses Against Drugs], conhecido como B.A.D. Stokes fez o seguinte comentário a respeito da missão inicial do grupo: "Se os pais não o fizessem (isto é, se não impedissem os jovens de consumir drogas), quem o faria? Sabíamos que a coalizão era a coisa certa para a comunidade, pois melhoraria a qualidade de vida. As empresas tinham que assumir a liderança."

Um fator essencial para o sucesso do grupo foi uma estratégia que permitia que os fundadores da coalizão buscassem o apoio dos seus pares na comunidade empresarial. Os principais fatores para o sucesso foram os seguintes:

- Nada de política! Ficou claro que seria importante manter o setor público (governo) a uma certa distância da liderança da coalizão. Aaron Podhurst, um dos membros fundadores e um advogado de renome na comunidade, disse: "A partir do momento em que eles (os políticos locais) se envolvem, eles têm suas agendas políticas ou eleitorais, agendas públicas que podem nos atrapalhar."
- Vamos dar crédito a quem merece. Stokes disse, "Muitas pessoas com mentalidade cívica fazem as coisas por vários motivos. Para algumas, o importante é a sua rede de relações, para outras, pode ser a satisfação social ou uma gratificação do ego. De qualquer maneira, temos que nos beneficiar da situação e dar crédito a essas pessoas."
- Uma consciência social. De acordo com o membro do comitê executivo Marty Urra, um antigo chefe da AFL-CIA (uma federação de entidades sindicais), "Uma coalizão precisa de um grupo principal de líderes empresariais socialmente ativos ou conscientes. Os indivíduos que tiverem paixão por uma questão e por uma comunidade são os que comparecerão e terão participação ativa nas reuniões da diretoria e nos projetos."

A observância desses princípios na luta para atingir objetivos, de forma agressiva, resultou em uma década de realizações significativas no que diz respeito à redução do problema das drogas na área de Miami e do Condado de Dade. Sessenta por cento dos trabalhadores de área estão empregados por empresas ou órgãos governamentais que dotaram uma política segundo a qual as drogas não são toleradas no local de trabalho. Stokes encontrou uma forma de divulgar essas estratégias para outros empresários, dizendo, "Tentamos convencê-los de que um local de trabalho sem drogas seria tão bom para a empresa quanto para a comunidade. Desde então, as coisas vêm mudando nos locais de trabalho em Miami."

Uma coisa não menos importante aconteceu: a coalizão cumpriu sua missão original — conseguir uma grande redução da epidemia de crack que estava enfrentando mais de uma década atrás. O número de mortes de adultos, em Miami e no Condado de Dade, relacionadas à cocaína e ao crack, se estabilizou a partir de 1993. O número de prisões relacionadas à cocaína sofreu uma queda de quase 20 por cento a partir do ponto mais alto, em 1989, de acordo com o Instituto Nacional de Justiça [National Institute of Justice].

Reconhecendo o impacto da mídia sobre a cultura, especialmente entre os jovens, a coalizão iniciou, e vem cultivando esforços, no sentido de atingir o maior número de pessoas, por meio da mídia local. Isso fez com que o sul da Flórida se tornasse o mercado número um de mídia nos Estados Unidos para a divulgação de mensagens antidrogas produzidas pela Parceria para uma América Livre das Drogas [Partnership for a Drug-Free America] nos últimos cinco anos.

Além disso, a coalizão exerceu sua influência na fundação do primeiro tribunal especializado em drogas do país, que proporciona tratamento para réus primários envolvidos com drogas, e que até agora já foi imitado em mais de 300 cidades.

A coalizão ajudou a garantir a designação da região, pelo governo federal, como uma Área de Intenso Tráfico de Drogas [High Intensity Drug Trafficking Area] (HIDTA), o que trouxe mais recursos para os órgãos de segurança da região. Além disso, o sistema de vigilância de consumo de drogas, baseado na comunidade, e mantido pela coalizão, constantemente tem estado entre os primeiros a identificar e relatar tendências emergentes no consumo de drogas, em âmbito nacional, incluindo a introdução da heroína da América do Sul, um surto de consumo de maconha entre os jovens e a chegada do Rohypnol — conhecido como "a droga dos estupros nos encontros" — aos Estados Unidos.

No entanto, o fim da guerra contra as drogas ainda está longe. No momento em que uma epidemia é controlada, surge outra. Como a coalizão tem observado a ocorrência de crimes violentos associados ao consumo de drogas, a organização está incorporando a prevenção da violência ao seu programa. A Coalizão de Miami tentará usar as mesmas abordagens básicas, de bom senso, para a redução dos índices de crimes violentos, que tem usado para a redução do consumo de drogas.

Bernie Diaz, diretor de comunicação da Coalizão de Miami em Prol de Uma Comunidade Segura e Livre de Drogas, coordena muitos dos esforços de divulgação e educação da coalizão na comunidade.

Isso Pode Acontecer Aqui: Uma Pequena Cidade Enfrenta o Problema das Drogas

Charlene Porter

Hazleton é uma cidade pequena e sossegada, situada entre as colinas verdejantes da região nordeste da Pensilvânia. No passado, extraía-se carvão dessas colinas. Décadas atrás, milhares de imigrantes europeus saíram dos principais centros urbanos como Filadélfia, Pensilvânia e Nova York, para trabalhar nas minas. A paisagem urbana é definida por campanários de igrejas e domos ortodoxos, em vez de arranha-céus. No entanto, por trás dessa aparência inocente, existe o lado sombrio de Hazleton. A dependência química — sob a forma de álcool e narcóticos — está desperdiçando vidas, e principalmente as vidas dos jovens.

Trinta anos atrás, a heroína era a droga preferida nos principais centros urbanos, e era virtualmente desconhecida em cidades pequenas como Hazleton. O prefeito Mike Marsicano, que nasceu na cidade, lembra-se de uma época em que a heroína não se encontrava disponível nesta cidade, se alguém a desejasse, mas agora as coisas são diferentes. "É tão comum quanto a maconha," ele diz. "É muito fácil de se conseguir, atualmente." O prefeito, um ex-policia de 51 anos, diz que a facilidade de acesso, de Hazleton, pelas rodovias, a Nova York (210 quilômetros) e Filadélfia (140 quilômetros) contribui para a disponibilidade de heroína e de outros narcóticos.

Dois andares abaixo do escritório do prefeito, no porão, fica o depósito de provas da polícia. Os itens aqui armazenados — todos cuidadosamente identificados e embalados para serem apresentados no tribunal — provam que muitos vícios atingiram Hazleton. Heroína, maconha, cocaína em pó, crack e armas, mal cabem nas prateleiras, nesta pequena sala.

O sargento da Polícia de Hazleton Ralph Lindsey

mostra a sala de provas a um visitante. Os habitantes da cidade, em grande parte, nunca verão nenhuma prova do uso de drogas na sua comunidade, mas ele diz, "Está aqui. Não podemos fechar os olhos."

Quase 20 mortes em virtude de overdose de heroína ocorreram em uma região que abrange três condados na área de Hazleton desde o início de 1999. Nessa área onde as relações são estreitas, onde as famílias se conhecem há muitos anos, essas mortes se tornam muito mais significativas do que seriam se tivessem ocorrido em um centro urbano, onde as populações mais numerosas resultam em anonimato. Lindsey diz, "As pessoas pensavam que este não era o seu mundo. Agora elas estão vendo que este é o seu mundo. Talvez essa consciência seja o que precisamos."

Criar essa consciência é um dos principais objetivos da Força-Tarefa em Prol da Área da Grande Hazleton Sem Drogas [Greater Hazleton Area Drug Free Task Force], formada em 1997. O vereador de Hazleton Lou Barletta, que atualmente é candidato a prefeito, foi um dos fundadores do movimento. Ele concorda com Lindsey, que também é membro da força-tarefa, sobre uma coisa: o povo da região não queria acreditar que um problema de drogas de cidade grande havia chegado à sua pequena cidade. Barletta diz que a força-tarefa resolveu mudar essa situação. "A força-tarefa pegou este problema e o colocou em primeiro plano, frente a frente com as pessoas; a força-tarefa colocou o problema no jornal."

O público reagiu de forma positiva a um projeto que foi colocado em prática logo que a força-tarefa iniciou as suas atividades — um número de telefone através do qual os cidadãos podem fazer denúncias anônimas, alertando as autoridades a

respeito de atividades que aparentam ser ligadas ao tráfico e ao consumo de drogas. Os investigadores da Polícia recebem aproximadamente 12 ligações por mês e já efetuaram prisões em função de informações fornecidas pelo público através desse número de telefone, Lindsey diz.

Ultrapassando os Limites

Ed Pane é o fundador da Força-Tarefa em Prol da Área da Grande Hazleton Sem Drogas, e é o presidente e principal executivo da Serento Gardens [Jardins de Serento], uma entidade privada, sem fins lucrativos, que presta serviços de tratamento a dependentes químicos. A sede da entidade fica a dois quarteirões da prefeitura.

Em apenas 18 meses desde a fundação da força-tarefa, Pane diz que o grupo conseguiu superar um dos problemas que dificultavam os trabalhos anteriores para tratar da dependência química na região — os limites políticos que dividem a comunidade maior, de aproximadamente 80.000 pessoas, em uma colcha de retalhos de distritos e municípios ao redor da cidade de Hazleton propriamente dita. "Não há limites para traficantes." Barletta diz, enfatizando a abrangência do problema.

A força-tarefa ultrapassou os limites políticos por meio de campanhas bem-sucedidas de pressão política, fazendo com que as organizações governamentais distintas, de muitas áreas vizinhas, se comprometessem a ajudar na luta contra as drogas. Um esforço de pressão política de alta visibilidade resultou no compromisso de 16 governos locais e regionais de participar na campanha, promovendo uma "Área da Grande Hazleton Sem Drogas".

Segundo Lindsey, trata-se de um "progresso significativo" por cauda da pressão comunitária que a campanha criou para que as autoridades se dedicassem mais a essa questão.

Esse sucesso levou a força-tarefa a pressionar os governos locais para a criação de uma legislação mais rigorosa. O grupo conseguiu a adoção regional de um regulamento que proíbe a venda e a posse da parafernália de entorpecentes, ou seja, os

acessórios e dispositivos usados no consumo, armazenamento e ocultação de entorpecentes.

Ao sancionar esse regulamento, esses governos locais adotaram uma medida pioneira nos esforços para controlar o tráfico e o consumo de drogas, segundo o advogado de Hazleton John Rogers, que redigiu o regulamento, na condição de membro da força-tarefa. Roger diz que o regulamento é mais rigoroso do que uma lei estadual que trata do mesmo tipo de itens, mas os governos locais concordaram em sancioná-lo, porque "fizemos com que eles se envergonhassem da situação."

Roger diz que o regulamento torna a posse da parafernália um crime sumário, o tipo de crime mais grave que se enquadra nos poderes legislativos dos governos locais. A condenação pode resultar em uma sentença de até 90 dias de reclusão e uma multa de 300 dólares.

O juiz distrital Joe Zola diz que o regulamento é o "alicerce" do componente antinarcótico da campanha de prevenção de dependência química da força-tarefa. Ela já condenou aproximadamente 30 indivíduos por posse de parafernália ilegal desde a adoção do regulamento pela cidade de Hazleton, há menos de um ano.

A maior vitória obtida com esse regulamento, de acordo com um membro da força-tarefa, é uma denúncia contra uma loja da cidade que fornecia parafernália de entorpecentes. O proprietário do estabelecimento, ao ser acusado, removeu os itens das prateleiras.

Lutando Todos os Dias

O consumo de heroína e narcóticos pode ser a forma de dependência química mais sinistra que assola Hazleton, mas muitos acreditam que o alcoolismo entre os adolescentes é um problema maior.

A descoberta de que seu filho de 17 anos era alcoólatra foi o que levou Sharon Rish a trabalhar com a força-tarefa de Hazleton. Ela participa da campanha de educação do público, e diz, "Atualmente, qualquer adolescente de 13 anos sabe exatamente onde ir e com quem falar para conseguir cerveja. É fácil demais, e por causa disso,

estamos vendo jovens de 15 e 16 anos totalmente dependentes de álcool."

Na primavera do ano passado, às vésperas da temporada de bailes e festas de formatura do segundo grau, os membros da força-tarefa solicitaram a ajuda de muitos dos distribuidores de cerveja da área para ajudar na campanha contra o consumo de álcool por adolescentes.

"Atenção, Pais dos Formandos" diz um folheto colocado ao lado da caixa registradora na Keystone Case and Keg, uma loja de bebidas. A força-tarefa imprimiu esses folhetos, tendo como público-alvo os fregueses das lojas de bebidas, com um aviso: de acordo com a lei estadual da Pensilvânia, fornecer álcool a menores é um crime que pode resultar em uma sentença de até cinco anos de reclusão e uma multa de 10 mil dólares.

A proprietária da Keystone, Amy Urban, diz, "A quantidade de pessoas que está levando o folheto é maior do que eu esperava. Eles não estão cientes de que há uma multa de dez mil dólares. Isso é muito dinheiro."

Rish diz, "Só queríamos que as pessoas soubessem que (a lei) é muito rigorosa." A mãe cujo filho estava em um centro de tratamento de alcoolismo aos 17 anos diz, "Isso amedronta um pouco as pessoas."

O comprometimento e a seriedade dos membros da força-tarefa é evidente. Mas é difícil avaliar até que ponto os seus esforços resultaram em uma redução, de fato, do uso de entorpecentes e de álcool em Hazleton. Um representante de uma organização de âmbito nacional chamada Coalizões Comunitárias Antidroga da América [Community Anti-Drug Coalitions of America] diz, "suas realizações são extraordinárias," mas o presidente do conselho de administração da força-tarefa, Paul Brenner, não considera o grupo vitorioso. "Sim, estamos mudando as coisas," ele diz, "mas estamos vencendo a batalha? É claro que não."

Muitos dos membros da força-tarefa conhecem os problemas trazidos pela dependência química de perto e não esperam que seus esforços façam uma diferença muito grande na comunidade em apenas 18 meses. Frank Katona, enquanto trabalha na força-tarefa, convive com as lembranças de um primo e um sobrinho que morreram de overdose de heroína. Ele tem dois filhos viciados em drogas. "É de partir o coração. Estou fazendo isso porque estou sentindo a dor. O problema está na minha família, e eu estou lutando contra ele todos os dias."

Charlene Porter escreve artigos sobre questões globais para a Agência de Divulgação dos Estados Unidos.

O TREINAMENTO PARA A VIDA EVITA O USO DE DROGAS

Entrevista concedida pelo Dr. Gilbert Botvin, professor de psiquiatria e saúde pública na Faculdade de Medicina da Universidade de Cornell [Cornell University Medical College]. Botvin é o diretor do Instituto de Pesquisa para a Prevenção, da Universidade de Cornell [Cornell's Institute for Prevention Research]. Ele desenvolveu o programa de prevenção de dependência química conhecido como Treinamento de Habilidades para a Vida [Life Skills Training]. Ao descrever as vantagens deste programa, o Dr. Botvin contou à entrevistadora Charlene Porter porque tantas abordagens tradicionais na prevenção da dependência química falharam.

Pergunta: Como o senhor define "habilidades para a vida", e o que essas habilidades têm a ver com a opção que uma pessoa faz de se envolver com drogas?

Botvin: Antes de mais nada, é importante ter em mente que o período de alto risco para o envolvimento precoce com o uso de drogas ocorre no início da adolescência. Portanto, estamos falando de um problema que, de modo geral, se inicia na infância e na adolescência. Está claro para nós que não há um único fator, nem mesmo alguns pequenos fatores que estão envolvidos na promoção do uso das drogas; na verdade, trata-se de um complicado conjunto de fatores. Por um lado, existem as influências sociais, as influências externas — do ambiente, da mídia — que estão promovendo o uso de drogas. Existem também as influências dos pares, dos amigos. Além disso, há outros fatores que tendem a promover o consumo de drogas, e eles interagem com as motivações internas da pessoa para usar drogas. Portanto, você tem fatores externos que promovem o consumo de drogas, e as pressões internas que podem motivar o indivíduo a usar drogas.

Acreditamos que os tipos de programas de prevenção mais eficazes ensinam aos jovens um conjunto de habilidades genéricas para a vida, que

eles podem usar para lidar com os desafios das suas vidas cotidianas como adolescentes. Reforçando a sua competência nessas habilidades, nós não apenas reduzimos as suas motivações para o uso de drogas, mas também a sua vulnerabilidade, a sua susceptibilidade às pressões externas. Além das habilidades para a vida, de modo geral, também lhes passamos informações e ensinamos habilidades que são especificamente relacionadas ao problema da dependência de drogas. Por exemplo, nós os ensinamos as maneiras eficazes de resistir às pressões sociais, a resistir às pressões oriundas da mídia e às pressões dos seus amigos; nós os ensinamos a dizer "não" de maneira eficaz; nós os ensinamos a identificar e a evitar as situações de alto risco nas quais eles sabem que podem ser pressionados a usar drogas.

Há duas categorias genéricas de habilidades para a vida que ensinamos. Uma categoria é um conjunto de habilidades de autocontrole que realçam uma noção de controle e poder pessoal — capacidade de tomar decisões, capacidade de lidar com o estresse e com a ansiedade. Também ensinamos uma série de habilidades sociais, como habilidades de comunicação, autoconfiança, e habilidades que podem ajudar os jovens a encontrar novas pessoas e a fazer novas amizades.

Em geral, adquirimos essas habilidades como adultos. Alguns de nós adquirimos essas habilidades observando o comportamento dos adultos, quando estávamos crescendo, mas os adolescentes estão passando cada vez mais tempo com outros adolescentes. Eles estão ficando menos tempo com adultos, e portanto você tem uma situação em que os cegos lideram os cegos. Assim, achamos que é importante ensinar essas habilidades de forma sistemática, em um programa de prevenção. Utilizando essa combinação de ensino de habilidades genéricas e material informativo específico relacionado ao problema do consumo de

drogas, podemos conseguir uma redução de 50 a 60 por cento no consumo de drogas.

P: Sem um bom comunicador, saber fazer amizades — o que essas habilidades têm a ver com o fato de um adolescente experimentar drogas ou não?

R: As pessoas têm compreendido mal os motivos da dependência química. Não se trata de uma simples decisão que as pessoas tomam sobre usar ou não usar drogas. Todas as abordagens tradicionais, no sentido de fornecer informações aos adolescentes sobre os perigos do fumo, da bebida e do uso de drogas ilegais, de modo geral, falharam. Os estudos que avaliam esses tipos de abordagens baseadas na disseminação de informação — ou até mesmo as abordagens que usam táticas de terror para enfatizar os perigos do uso de drogas — mostram que essas abordagens são totalmente ineficazes.

O problema é muito mais amplo e você precisa adotar uma abordagem holística, que tenha como objetivo tratar de vários fatores de risco diferentes. Muitas das habilidades para a vida que estamos ensinando são, na verdade, fatores de proteção. Eles são uma forma de fortalecer os jovens e de diminuir as suas motivações.

Há vários fatores que promovem o uso de drogas. Para adolescentes diferentes, fatores diferentes parecem ser mais importantes. Alguns adolescentes usam drogas, por exemplo, ao se sentirem pouco à vontade em situações sociais. Eles podem usar drogas porque acham que isso vai ajudá-los a lidar com a sua ansiedade social. Ensinando técnicas de gerenciamento de ansiedade aos adolescentes, você lhes ensina habilidades de adaptação à vida, e esses adolescentes não precisarão se medicar para lidar com os sentimentos negativos resultantes da ansiedade social.

Outro aspecto desta questão é que os jovens querem usar drogas para obterem acesso a um certo grupo de pares, para serem aceitos por um certo grupo de adolescentes, ou como uma forma de se tornarem mais populares. Ensinando a eles uma série de habilidades sociais que lhes permitam conhecer novas pessoas e construir amizades saudáveis, você reduz a motivação que esses adolescentes têm para usar drogas.

É importante que os adolescentes estejam cientes de que a maioria dos jovens não usam drogas. Os jovens parecem superestimar o número de jovens da sua idade, assim como o número de adultos, que usam drogas. Essa noção de que "isso é uma coisa que todo mundo faz" exerce pressão sobre cada jovem, para que eles ajam de acordo com o que eles pensam que é a norma, mas na verdade, trata-se de uma impressão falsa. Alertando os jovens para o fato de que os jovens, na sua grande maioria, não usam drogas, tornando-os cientes do fato de que não é normal usar drogas, você reduz a pressão que eles sofrem para se conformar a esses padrões externos que, na verdade, não existem.

Portanto, na verdade, temos uma combinação de todos esses fatores — aqueles especificamente relacionados ao uso de drogas e à pressão para usar drogas, assim como as habilidades de vida, mais genéricas, com as quais os jovens têm uma noção mais intensa de controle pessoal e de auto-estima, que diminuem a sua ansiedade em situações sociais, que lhes permitem adquirir técnicas para lidar com muitos dos desafios que enfrentarão na vida, e que em geral, os ajudarão a ser mais felizes e bem-sucedidos.

P: O senhor mencionou que os programas que enfatizam os perigos das drogas não são muito eficazes, de acordo com alguns estudos. Será porque eles não apresentam essa abordagem multi-dimensional que o senhor descreve? Eles são unidimensionais?

R: Sim, é isso mesmo. Os programas que usam a disseminação de informação são os que eu citei com destaque porque eles têm constituído a abordagem tradicional para a prevenção da dependência química neste país.

Parece lógico que eles deveriam ser eficazes. Seus filhos estão usando drogas, e você os torna mais conscientes dos perigos de se usar drogas, e eles vão tomar uma decisão racional, de não usar drogas. Mas os jovens não tomam, formalmente, uma decisão de usar drogas. Eles vão entrando no meio aos poucos. Eles são atraídos ao uso de drogas, sem pensar formalmente nisso, na maioria dos casos. Não se trata de um processo racional, e portanto a abordagem desse processo de uma forma racional, dando a eles o conhecimento e as informações, não resolve o problema.

Na verdade este é o aspecto multidimensional do problema que não tem sido percebido pelas abordagens anteriores à prevenção, e que foi incorporado ao programa de Treinamento de Habilidades para a Vida. O programa realmente adota uma abordagem abrangente, holística.

P: Uma explicação que freqüentemente ouvimos sobre um jovem que se envolveu com drogas é que ele "se envolveu com a turma errada". De que forma o Treinamento de Habilidades para a Vida trabalha para evitar que um jovem "se envolva" com a turma errada?

R: De duas formas. Dando aos jovens um conjunto de habilidades genéricas para a vida, ele os ajuda a serem bem sucedidos como adolescentes. Os jovens que estão tendo dificuldades com a adolescência — na vida social, nos esportes, ou nos estudos — tendem a ser atraídos por um grupo de jovens problemáticos. Eles tendem a se afastar dos jovens que estão obtendo sucesso, e gradualmente entram no que os pesquisadores chamam de "uma trajetória diferente" na vida. Em alguns casos, eles se aproximam do grupo de jovens problemáticos porque acham que esse é o único grupo que os aceitará. Eles se vêem na condição de perdedores. Por outro lado, eles podem rejeitar os valores dos jovens que estão no caminho do sucesso — aqueles que estão sendo bem sucedidos na escola, e também nos esportes — e se aproximar de um conjunto de valores mais marginalizados. Mais uma vez, estamos falando daqueles motivos internos e externos.

Alguns jovens têm uma característica que tem sido descrita como a busca de sensações. Esses são os jovens que estão procurando grandes estímulos, que estão procurando uma vida mais excitante. Nem todos os jovens se enquadram nessa categoria, mas alguns jovens que estão interessados em usar drogas têm essa característica dos que procuram as grandes sensações. O hábito de correr riscos, de fazer coisas perigosas, andar de motocicleta, saltar de pára-quedas — freqüentemente os jovens que procuram essas atividades também tomam drogas.

Portanto, o programa de Treinamento de Habilidades para a Vida, ensinando essa variedade de habilidades aos jovens, reduz a probabilidade de

que eles se aproximem de uma rede de relações sociais mais marginalizada.

P: E os jovens ávidos por sensações? O Treinamento de Habilidades para a Vida pode colocar essa busca de sensações sob controle?

R: Não totalmente, mas ele o faz, até certo ponto. Nas habilidades de redução de ansiedade, ensinamos técnicas de treinamento de relaxamento para ajudar os jovens a adquirir o controle dos seus sentimentos quando começam a se sentir estressados ou ansiosos. O programa os ensina a relaxar, a se sentirem calmos. Essas coisas são úteis para os jovens que apresentam distúrbios de déficit de atenção ou que podem ter uma personalidade caracterizada pela busca de sensações. Descobrimos que o Treinamento de Habilidades para a Vida reduz, de fato, a busca de situações de risco. Possuindo um conjunto de valores que lhes permitem controlar suas próprias vidas, os jovens ficam mais aptos, não apenas a controlar seus impulsos, mas também a trilhar o caminho do sucesso e a desenvolver sensações excitantes por meios mais adaptáveis do que usando drogas.

P: Qual é o papel do pai ou da mãe enquanto o filho está adquirindo essas novas habilidades de lidar com a vida?

R: Isso faz parte de uma equação, de uma experiência que iniciamos recentemente, nos dois últimos anos. Estamos tentando fazer com que os pais se conscientizem da importância do acompanhamento do comportamento dos seus filhos, de ter certeza de que estejam tendo algum acompanhamento, de saber quem são os amigos dos seus filhos. Eles precisam avaliar a rede de relações de amizade, e se os filhos estiverem começando a se aproximar de um grupo de jovens que apresentam desvios, os pais podem intervir para evitar que isso aconteça. No começo, isso é relativamente fácil de evitar. À medida que os jovens vão ficando mais velhos, à medida que os jovens vão se envolvendo mais profundamente com o grupo marginalizado, fica mais difícil reverter a situação.

Os pais também precisam fazer com que seus filhos estejam cientes de que existe uma ética antidroga na família, uma norma antidroga. Eles devem deixar isso bem claro. Os pais precisam estabelecer

normas apropriadas e justas e padrões de conduta, bem como punições razoáveis. Há uma distribuição bimodal quando se trata de disciplina. Como é de se esperar, os jovens que vêm de famílias em que os pais são permissivos correm um risco muito alto de consumir drogas. No entanto, os jovens oriundos de famílias em que a disciplina é particularmente rigorosa também correm um alto risco de consumir drogas. Frequentemente é difícil encontrar um meio-termo feliz entre esses dois extremos, mas os pais precisam estar informados sobre os perigos de serem permissivos demais ou rigorosos demais no exercício da disciplina.

P: Portanto o senhor tem muita fé no poder da intervenção para prevenir a dependência química?

R: Sim e não. É importante manter as coisas em perspectiva. Temos 20 anos de pesquisas que demonstram que a abordagem do Treinamento de Habilidades para a Vida pode diminuir pela metade o uso de drogas quando você compara os jovens nas escolas onde o do Treinamento de Habilidades para a Vida está sendo ministrado aos jovens das escolas nas quais os treinamento não está sendo ministrado. Temos mais de uma dúzia de estudos publicados em revistas científicas que mostram que esse tipo de abordagem para a prevenção pode reduzir, de forma drástica e significativa, o consumo de drogas. Nosso índice de sucesso chega a 90 por cento, mas vamos usar um índice de sucesso de 60 por cento, por exemplo, para demonstrar nosso ponto de vista. Se dissermos que o Treinamento de Habilidades para a Vida, quando oferecido a um determinado grupo, resultará em uma redução de 60 por cento no número de jovens que procuram o caminho das drogas, você ainda está deixando passar 40 por cento, ou seja, não está obtendo sucesso com 40 por cento. Até mesmo o programa de prevenção mais eficaz vai deixar passar muitos jovens. Portanto, estamos falando de um desafio importante.

Outro desafio importante: um programa de prevenção, por melhor que seja, tende a sofrer um desgaste com o tempo, a não ser que você tenha uma intervenção contínua, o que chamamos de "sessão de reforço". Isso é particularmente importante no período crítico entre a sétima série do primeiro grau e a primeira série do segundo grau.

Eu tenho muita fé, tendo como base as provas apresentadas pelas pesquisas que foram conduzidas. Mas estamos alcançando todos? Não. Ainda há um número significativo de jovens que estão fora do nosso alcance.

P: É possível alcançar todos os jovens, ou o senhor teme que um programa desse tipo esteja além das suas possibilidades?

R: Com certeza isso está além das minhas possibilidades no momento. Ainda não há uma noção definitiva sobre as possibilidades que poderemos ter no futuro. Tenho certeza de que poderemos ampliar e aperfeiçoar a eficácia dos nossos programas de prevenção. À medida que o conhecimento se desenvolve, e que adquirimos uma idéia mais clara dos motivos subjacentes da dependência química, teremos maior facilidade para introduzir aperfeiçoamentos e refinamentos nas nossas abordagens de prevenção.

A maior parte do que experimentamos não funcionou muito bem. É importante superarmos a noção convencional de que a prevenção não funciona, que parece prevalecer entre o público em geral, e até certo ponto, entre elementos do nosso Congresso. Antes de mais nada, é importante disseminarmos a informação de que a prevenção pode dar certo. Há abordagens através das quais se pode mudar as coisas, se forem implementadas de maneira adequada e com cuidado. O segundo ponto importante é que aprendemos muito nos últimos 20 anos, sobre o que funciona e o que não funciona, mas existe um grande hiato entre o que os pesquisadores sabem e o que as entidades que implementam os programas continuam fazendo. Portanto, precisamos traduzir, com sucesso, o que aprendemos no âmbito das pesquisas, e transformar esse aprendizado em ação, procurando as organizações que implementam os programas, as entidades que estão envolvidas com a prevenção e os educadores. Precisamos mostrar a eles, especificamente, os tipos de abordagens que são eficazes.

Charlene Porter acompanha questões globais para a Agência de Divulgação dos Estados Unidos.

RELATÓRIOS E DOCUMENTOS

CRESCENDO SEM USAR DROGAS: UM GUIA DE PREVENÇÃO, PARA OS PAIS

O texto que se segue faz parte de uma publicação distribuída aos pais pelo Programa de Escolas Seguras e Sem Drogas [Safe and Drug Free Schools Program], do Departamento de Educação dos Estados Unidos [U.S. Department of Education]. Desde a sua primeira edição, 28 milhões de cópias foram distribuídas aos pais em todo o território dos Estados Unidos. O guia também se encontra disponível na world wide web: www.ed.gov/offices/OESE/SDFS.

A PERSPECTIVA DO SEU FILHO

Porque uma Criança Usa Drogas

É compreensível que alguns pais de usuários de drogas pensem que seus filhos podem ter sofrido pressões de seus colegas ou de traficantes para que tomassem drogas. Mas as crianças dizem que optam por tomar drogas porque querem aliviar o tédio; querem se sentir bem; esquecer seus problemas e relaxar; querem se divertir; satisfazer sua curiosidade; correr riscos; aliviar a dor; querem se sentir adultos; mostrar que são independentes; pertencer a um grupo específico; ou dar a impressão de que são "legais".

Em vez de ser influenciados por novos amigos cujos hábitos eles adotam, as crianças e os adolescentes freqüentemente mudam de turma para poderem ficar com outras pessoas que optaram

pelo mesmo estilo de vida.

Os pais são as pessoas que mais conhecem os seus filhos, e portanto, estão na melhor situação possível para sugerir alternativas saudáveis ao consumo de drogas. Esportes, clubes, aulas de música, projetos de serviço comunitário e atividades após o horário normal de aulas não apenas mantêm as crianças e adolescentes ativos e interessados, mas também os aproximam dos pais, que podem comparecer aos jogos e às apresentações. Para desenvolver uma noção positiva de independência, você pode estimulá-los a trabalhar como baby-sitters ou a dar aulas particulares. Para que eles possam ter a sensação de que estão assumindo riscos, você pode sugerir alpinismo, caratê ou camping.

O Que a Nossa Cultura Diz às Crianças Sobre as Drogas

Infelizmente as modas e manias que têm o maior sucesso na nossa cultura são, às vezes, as que mais chocam. As crianças, atualmente, são assediadas por mensagens, umas mais sutis, outras mais explícitas, sobre o que é "bom" no álcool, no fumo e nas drogas. Seus filhos podem ver personagens de TV que vivem na riqueza e no luxo, graças ao dinheiro que ganham traficando drogas, podem

encontrar um website clamando pela legalização da maconha, podem ver seus astros de cinema favoritos fumando, nos seus filmes mais recentes, ou podem ouvir músicas que descrevem a incrível sensação de fazer amor quando se está sob o efeito de drogas.

Para combater essas impressões, coloque a sua televisão e o computador em uma área de uso comum da família, para que você possa saber o que os seus filhos estão vendo.

Sente-se com eles quando eles estiverem assistindo à televisão. Explore a Internet com eles para ver quais são as suas preferências. Qualquer coisa que represente uma perturbação pode ser transformada em um "momento de ensinamento". Pode ser que você queira estipular normas sobre os programas de televisão, filmes e websites apropriados para o seu filho. (Você também pode tranquilizar as crianças, dizendo-lhes que o mundo não é tão cruel como é mostrado nas notícias, que dão grande ênfase nos problemas da sociedade.)

Da mesma forma, familiarize-se com as estações de rádio, com os CDs e com as fitas favoritas dos seus filhos. Segundo uma pesquisa recente, a maioria dos adolescentes consideram ouvir música a sua atividade favorita quando não estão na escola, e em média, dedicam três ou quatro horas por dia a essa atividade. Como muitas das músicas que eles ouvem fazem com que o consumo de drogas pareça convidativo e sem conseqüências, é bom você combater essa impressão, mostrando claramente a sua própria posição.

COMO INSTRUIR SEUS FILHOS SOBRE AS DROGAS

Pré-escola

Pode parecer prematuro falar sobre drogas com crianças da pré-escola, mas as atitudes e hábitos que elas formarão nessa idade têm uma influência importante sobre as decisões que tomarão quando estiverem mais velhas. Nessa tenra idade, elas são ansiosas por saber e decorar normas, e querem a sua opinião sobre o que é "bom" e sobre o que é "ruim". Embora elas tenham idade suficiente para saber que fumar lhes faz mal, elas ainda não têm condições de compreender informações complexas a respeito do álcool, do fumo e de outras drogas. No entanto, essa é uma boa época para praticar

habilidades de tomada de decisões e resolução de problemas de que elas necessitarão para poder dizer "não" mais tarde.

Aqui estão algumas maneiras de ajudar as suas crianças em idade pré-escolar a tomar boas decisões a respeito do que deve e do que não deve entrar nos seus corpos:

- Converse a respeito dos motivos pelos quais as crianças precisam de alimentos saudáveis. Peça ao seu filho para relacionar vários alimentos bons, favoritos, e explicar de que forma esses alimentos contribuem para a sua saúde e força.
- Determine horários regulares nos quais você pode dedicar total atenção ao seu filho ou filha. Brinque com ele no chão; descubra quais são as coisas de que ele gosta e de que não gosta; diga que você o ama; diga que ele é maravilhoso demais para consumir drogas, e que não há outra criança como ele no mundo. Você formará fortes elos de confiança e afeto; isso fará com que seja mais fácil, para o seu filho, ficar longe das drogas, no futuro.
- Estabeleça normas como brincar de maneira leal, compartilhar brinquedos e dizer a verdade, para que as crianças saibam que tipo de comportamento você espera delas.
- Estimule seu filho para que ele siga instruções e faça perguntas se não entender as instruções.
- Quando seu filho ficar frustrado durante uma brincadeira, aproveite a oportunidade para reforçar as habilidades de resolução de problemas. Por exemplo, se uma torre de blocos cai muitas vezes, trabalhe junto com ele, para encontrar possíveis soluções. Transformar uma situação ruim em um sucesso reforça a autoconfiança de uma criança.
- Sempre que possível deixe seu filho escolher o que vai vestir. Mesmo se as roupas não combinarem, você estará reforçando a capacidade do seu filho de tomar decisões.
- Indique quais são as substâncias venenosas e perigosas que geralmente são encontradas em residências, como alvejante, desinfetante de cozinha e lustra-móveis, e leia os rótulos de

advertência dos produtos em voz alta. Explique aos seus filhos que nem todas as drogas "más" vêm com advertências impressas, e que portanto eles só devem comer ou cheirar alimentos ou remédios - receitados por um médico - quando estes lhes forem dados por você, seu esposo ou esposa, um avô ou avó, ou a babá.

- Explique que os remédios receitados são drogas que podem ajudar a pessoa para a qual foram receitados, mas que podem fazer mal a qualquer outra pessoa — especialmente as crianças, que devem ficar longe deles.

Do jardim da infância até a terceira série (de 5 a 8 anos de idade)

Uma criança dessa idade demonstra cada vez mais interesse no mundo, além da família e do lar. Esta é a hora de começar a explicar o que é o álcool, o que é o fumo e o que são as drogas, que algumas pessoas usam essas substâncias, embora elas sejam prejudiciais, e as conseqüências do seu uso. Fale com o seu filho sobre o fato de que tudo o que você coloca no seu corpo, que não for alimento, pode ser extremamente perigoso. Fale sobre a maneira pela qual as drogas interferem com o funcionamento dos nossos corpos e podem fazer com que uma pessoa fique muito doente, podendo até causar a morte. (As crianças dessa idade, na sua maioria, já tiveram experiências, na vida real, relacionadas com a morte de algum parente ou de alguém na escola.) Explique a idéia do vício — que o consumo de drogas pode se tornar um péssimo hábito - e um hábito difícil de abandonar. Elogie seus filhos por tomarem conta, e bem, dos seus corpos, e por evitarem as coisas que podem lhes fazer mal.

Quando seus filhos estiverem na terceira série do primeiro grau, eles devem entender:

- as diferenças entre alimentos, venenos, remédios e drogas ilegais;
- como os remédios, receitados por um médico e administrados por um adulto responsável, podem ajudar durante uma doença mas podem ser perigosos se forem utilizados de maneira imprópria, e que portanto, as crianças devem se manter afastadas de qualquer substância ou recipiente desconhecido;

- porque os adultos podem beber álcool mas as crianças não podem, nem mesmo em pequenas quantidades — é prejudicial para os cérebros e corpos das crianças, que se encontram em fase de desenvolvimento.

Da quarta à sexta série do primeiro grau (de 9 a 11 anos de idade)

Mantenha uma atitude firme em relação às drogas. Nessa idade, as crianças podem ter uma conversa mais complexa a respeito dos motivos pelos quais as pessoas se sentem atraídas pelas drogas. Você pode usar a sua curiosidade a respeito dos grandes eventos traumáticos nas vidas das pessoas (como um acidente automobilístico ou um divórcio) para falar sobre como as drogas podem causar esses eventos. Além disso, as crianças nessa idade adoram saber dos fatos, especialmente os fatos estranhos, e elas querem saber como as coisas funcionam. As crianças nessa faixa etária podem ficar fascinadas pela maneira pela qual as drogas afetam o cérebro ou o corpo de uma pessoa. Explique que qualquer coisa em excesso — seja remédio para tosse ou aspirina — pode ser perigoso.

Amigos — seja um único melhor amigo ou um grupo de amigos — são extremamente importantes durante essa fase, como também é importante se adaptar ao grupo e ser considerado "normal". Quando as crianças, nos Estados Unidos, chegam às séries equivalentes à sétima ou à oitava série do primeiro grau, elas saem de um ambiente menor, e que oferece mais proteção, e passam a fazer parte de uma multidão muito maior e menos íntima, de pré-adolescentes. Essas crianças mais velhas podem expor os seus filhos ao álcool, ao fumo ou às drogas. As pesquisas mostram que quanto mais cedo as crianças começarem a usar essas substâncias, maior será a probabilidade que elas terão de ter sérios problemas. É essencial que as atitudes antidroga do seu filho sejam firmes antes de entrar na sétima ou na oitava série do primeiro grau.

Antes de completar a sexta série, seus filhos devem saber:

- os efeitos imediatos do uso do álcool, do fumo e das drogas em várias partes do corpo, inclusive os riscos de coma ou de overdose fatal;

- as conseqüências a longo prazo — como e porque as drogas podem criar dependência e fazer com que os usuários percam o controle das próprias vidas;
- os motivos pelos quais as drogas são particularmente perigosas para os corpos em fase de crescimento;
- os problemas que o álcool e outras drogas ilegais podem causar não apenas para o usuário, mas para a família e para o mundo do usuário.

Ensaie situações em potencial nas quais os amigos oferecem drogas. Faça com que seus filhos se manifestem de maneira enfática, como por exemplo "Esse negócio faz muito mal!". Permita que eles o (a) usem como desculpa: "Minha mãe vai me matar se eu tomar uma cerveja!". "Isso vai aborrecer meus pais" é uma das principais coisas que os pré-adolescentes dizem quando explicam o porquê de não fumarem maconha.

Ensine seus filhos a observar com atenção a maneira pela qual as drogas e o álcool são promovidos. Discuta a maneira pela qual os anúncios, as letras das músicas, os filmes e os programas de televisão os bombardeiam com mensagens segundo as quais o uso de álcool, fumo e outras drogas têm charme. Certifique-se de que eles sejam capazes de separar os mitos do uso do álcool, do fumo e de outras drogas da realidade, e elogie-os por pensarem de maneira independente.

Descubram quem são os amigos dos seus filhos, os locais que eles freqüentam e o que eles gostam de fazer. Faça amizade com os pais dos amigos dos seus filhos, para que uns possam reforçar os esforços dos outros. Você se sentirá mais em contato com a vida diária do seu filho e terá melhores condições de reconhecer as áreas onde podem ocorrer problemas. (Uma criança cujos amigos estejam todos usando drogas, muito provavelmente estará fazendo a mesma coisa.) As crianças nessa idade realmente dão valor à atenção e ao envolvimento. Na verdade, dois terços das crianças da quarta série entrevistadas disseram que gostariam que seus pais falassem com eles sobre drogas com mais freqüência.

Da sétima série do primeiro grau até a primeira série do segundo grau (de 12 a 14 anos de idade)

Segundo uma estereótipo comum, os adolescentes são rebeldes, são dominados pela pressão dos colegas, e brincam tanto com o perigo que chegam a apresentar uma tendência à autodestruição. Embora os adolescentes freqüentemente pareçam não ser receptivos em relação aos pais, na sua luta pela independência, eles precisam de apoio, envolvimento e orientação dos pais, mais do que nunca.

Os adolescentes mais novos podem passar por mudanças drásticas e rápidas nos seus corpos, vidas emocionais e relacionamentos. Freqüentemente a adolescência é uma época confusa e estressante, caracterizada por mudanças de estado de espírito e uma profunda insegurança, pois os adolescentes estão tentando descobrir quem eles são e como eles podem se adaptar ao ambiente que os rodeia, enquanto estabelecem as suas próprias identidades. O fato de que esta é a época em que muitos jovens experimentam o álcool, o fumo e outras drogas pela primeira vez não surpreende.

Os pais podem não perceber que seus filhos adolescentes se sentem cercados pelo consumo de drogas. Quase nove entre dez adolescentes concordam em dizer que "parece que a maconha está em todos os lugares atualmente." Os adolescentes têm duas vezes mais probabilidades de estarem fumando maconha do que os pais pensam, e os adolescentes estão ficando sob o efeito de drogas em lugares que os pais consideram seguros, como nas proximidades da escola, em casa e nas casas dos amigos.

Embora os adolescentes possam não dar a impressão de que dão valor a isso, os pais influenciam profundamente as opções que seus filhos fazem no que diz respeito às drogas. Aproveite a importância que os jovens dão à imagem social e à aparência, para indicar as conseqüências imediatas e desagradáveis do uso do tabaco e da maconha — por exemplo, que o fumo causa mau hálito e mancha os dentes; que as roupas e cabelos dos fumantes ficam com um cheiro desagradável. Ao mesmo tempo você deve falar sobre os efeitos das drogas, a longo prazo:

- a falta de habilidades sociais e emocionais cruciais que normalmente são adquiridas durante a adolescência;
- o risco de câncer no pulmão e enfisema, devido ao fumo;
- acidentes automobilísticos que resultam em morte ou invalidez, e danos ao fígado, devido ao excesso de bebida;
- dependência, coma cerebral e morte.

Da primeira à terceira série do segundo grau (dos 15 aos 17 anos de idade)

Os adolescentes mais velhos já tiveram que tomar decisões muitas vezes sobre tomar drogas ou não. Os adolescentes de hoje estão bem informados sobre o consumo de drogas. Eles sabem a diferença, não só entre as várias drogas e os seus efeitos, mas também entre o uso experimental, ocasional e a dependência. Eles vêem muitos dos seus colegas usando drogas — alguns sem conseqüências óbvias ou imediatas, e outros cujo consumo de drogas foge do controle.

Para resistir à pressão dos colegas, os adolescentes precisam de mais do que uma mensagem genérica para que não usem drogas. Agora também, convém mencionar que o uso de álcool, tabaco e outras drogas durante a gravidez tem sido associado aos defeitos congênitos dos recém-nascidos. Os adolescentes precisam ser avisados sobre os efeitos potencialmente mortais de se misturar drogas. Eles precisam ouvir a afirmação de um pai de que qualquer um pode se tornar um usuário crônico, e que até mesmo o uso, por parte de indivíduos não dependentes, pode ter conseqüências perigosas e permanentes.

Como a maior parte dos alunos de segundo grau têm suas atenções voltadas para o futuro, eles têm maior probabilidade de ouvir discussões sobre a maneira pela qual as drogas podem acabar com as suas chances de entrar em uma boa faculdade, de ser aceitos pelas forças armadas ou de conseguir certos empregos.

Os adolescentes tendem a ser realistas e gostam de ouvir falar das maneiras pelas quais eles podem ajudar a transformar o mundo em um lugar melhor.

Diga aos seus filhos adolescentes que o consumo de drogas não é um crime sem vítima, e certifique-se de que eles compreendam o efeito que o consumo de drogas tem sobre a nossa sociedade. Chame a atenção do seu filho adolescente, mostrando como o fato de evitar as drogas ilegais poderá ajudá-lo a transformar a sua cidade em um lugar mais seguro e melhor, e como as pessoas que não usam drogas têm mais energia para trabalhar como voluntários após o horário das aulas, dando aulas particulares ou treinando os alunos mais jovens, nos esportes — atividades com as quais a comunidade está contando.

Pode ser que o seu filho adolescente esteja ciente do debate sobre a legalização da maconha ou se os médicos devem ou não ser autorizados a receitar a maconha para fins medicinais. A idéia de que uma droga ilegal pode apresentar vantagens legítimas para a saúde é confusa. Agora que o seu filho adolescente tem idade suficiente para compreender a complexidade dessa questão, é importante discutí-la quando surgir uma oportunidade — talvez durante um "momento de ensinamento" inspirado por alguma notícia na televisão. Pode ser que você queira dizer ao seu filho adolescente que o ingrediente da maconha que possui algum valor medicinal — delta-9-tetrahidrocannabinol (THC) — já pode ser receitado por médicos sob a forma de uma pílula que não contém as substâncias que causam câncer e que estão presentes na maconha que se fuma. Outros analgésicos, usados para fins medicinais, contêm codeína e morfina. Essas duas substâncias foram consideradas seguras para serem receitadas após rigorosos testes e análises realizadas por organizações científicas da área médica.

É importante que os pais elogiem e estimulem os adolescentes por todas as coisas que eles fazem bem e pelas escolhas positivas que eles fazem. Quando você estiver orgulhoso do seu filho ou filha, diga isso a ele ou ela. O fato de eles saberem que são vistos e reconhecidos, pelos adultos que fazem parte das suas vidas, representa uma grande motivação e pode reforçar a sua resolução de evitar o uso de drogas. O seu filho adolescente pode também se impressionar pela importância de dar um bom exemplo para um irmão ou irmã mais jovem.

O ABC DAS COALIZÕES: PRIMEIROS PASSOS

O artigo que apresentamos a seguir foi adaptado de uma publicação das Coalizões Comunitárias Antidroga da América [Community Anti-Drug Coalitions of America], uma organização privada, sem fins lucrativos, baseada em Alexandria, Virginia.

INTRODUÇÃO

Criar uma coalizão para combater os problemas do consumo de drogas na sua comunidade não é uma tarefa fácil. É preciso ter perseverança, espírito conciliador, paciência e comprometimento a longo prazo. Os líderes do grupo precisam ter as habilidades dos corretores, dos vendedores e dos especialistas em angariar fundos. No que diz respeito ao espírito, eles precisam ser idealistas convictos.

PRIMEIRO PASSO. DEFINA O PROBLEMA E O SEU IMPACTO SOBRE A COMUNIDADE

Determine a abrangência e a natureza do problema na comunidade. Quem está usando drogas? Que tipos de drogas estão sendo usadas? Houve, recentemente, um aumento ou uma diminuição no consumo de drogas? Essa mudança foi causada por algum evento ocorrido na comunidade? Quais são os efeitos negativos específicos sentidos pela comunidade, devido ao consumo de drogas?

Use o maior número possível de fontes de informação ao tentar responder a essas perguntas. O objetivo da sua investigação deve ser localizar os recursos e os problemas, para atender às necessidades da sua comunidade. Para ser eficaz, não basta se limitar aos relatos verbais.

Às vezes convém ampliar a perspectiva daqueles que farão parte da coalizão, analisando a questão

do consumo de drogas como uma cadeia de eventos, que se estende do período anterior ao consumo até a recuperação.

- Não-usuários: Somente uma pequena parcela da população — estimada em 10 por cento ou menos — se abstém totalmente do uso de drogas não-medicinais.
- Usuários de drogas: 90 por cento dos adolescentes experimentam o álcool ou alguma outra droga pelo menos uma vez antes de terminar o segundo grau (nesta categoria, vale tudo — até mesmo aquele gole de champanhe em casa com a família).
- Pessoas que abusam das drogas: As pessoas que usam álcool e/ou drogas para alterar o seu estado mental constituem 50 por cento dos jovens nos Estados Unidos.
- Dependência química: O vício é uma doença do cérebro, identificada dessa forma pelo Instituto Nacional do Uso Abusivo de Drogas [National Institute on Drug Abuse] (NIDA). As pesquisas também indicam que uma relação entre a predisposição genética e o vício, que é similar ao fator de risco de predisposição genética no caso de algumas doenças. Se o seu pai e a sua mãe forem viciados, a sua chance de herdar o risco é de 90 por cento.
- Indivíduos em fase de recuperação: Estes são os indivíduos que se comprometeram a parar de usar drogas. Eles precisam de muito apoio e estímulo.

**SEGUNDO PASSO.
IDENTIFIQUE AS PRINCIPAIS PARTES
INTERESSADAS**

As coalizões precisam envolver:

- Representantes de todos os setores da comunidade
- Grupos culturais e étnicos diversificados
- Grupos culturais e étnicos diversificados
- As pessoas que são mais afetadas pelo problema
- A comunidade empresarial
- Organizações prestadoras de serviços

**TERCEIRO PASSO.
CONVOQUE UMA REUNIÃO**

Marque uma reunião no período noturno em um local bem conhecido da vizinhança, como uma instituição religiosa, um centro de recreação ou uma escola. Divulgue bastante a reunião para que muitas pessoas compareçam.

Não deixe de anotar os nomes, endereços e telefones dos participantes da reunião. Escolha, para liderar a reunião, um indivíduo que possa manter o ritmo, que se atenha aos objetivos da reunião, que aja como mediador se surgirem controvérsias, e que trate todos os presentes com respeito.

Parta do princípio de que nenhum comentário ou idéia é tolice (a não ser aqueles que sejam caracterizados pelo racismo ou que preguem a violência). Atribua a alguém a responsabilidade de anotar todas as preocupações e/ou soluções que forem mencionadas.

Não fique desanimado se poucas pessoas comparecerem. Analise os motivos pelos quais poucas pessoas estão presentes e modifique os procedimentos conforme necessário, para a próxima reunião.

**QUARTO PASSO.
COMPARTILHE PERSPECTIVAS**

Na primeira reunião, várias perspectivas referentes às causas do uso de drogas, e como evitá-lo, devem ser compartilhadas. A pessoa que criou a coalizão deve estimular todos os presentes para que participem da discussão e especifiquem seus comentários como definições de problemas, com o objetivo de, mais cedo ou mais tarde, articular uma meta para a comunidade.

O uso abusivo de drogas afeta a todos, em todas as comunidades, de maneiras diferentes. Por exemplo, há aqueles que acreditam que se trata apenas de uma questão de crime e castigo. No outro extremo estão as pessoas que somente vêem o problema como uma doença caracterizada pelo vício. E, naturalmente, há muitas pessoas com atitudes variadas entre os dois extremos. O que mantém as pessoas afastadas umas das outras é que cada pessoa só teve uma "fatia" da experiência. Uma das vantagens reais de uma coalizão é que no final, muitas pessoas com experiências diferentes podem formular, em conjunto, uma visão que seja precisa e significativa.

**QUINTO PASSO.
DISCUTA A REALIDADE ATUAL, ASSIM
COMO A IDEAL**

Qual é a realidade do uso abusivo de drogas na sua comunidade? Que drogas estão sendo usadas? Quem são os usuários? Onde as drogas são vendidas e usadas? Você terá uma visão de conjunto usando tanto dados comprovados quanto percebidos. Os dados comprovados envolvem resultados de estatísticas, pesquisas, e estudos epidemiológicos (do primeiro passo). Os dados percebidos refletem o que os membros da coalizão e da comunidade vêem e percebem. Os dois tipos de dados têm igual importância para a compreensão da abrangência do problema.

Elabore uma declaração precisa de como você gostaria de mudar a situação na sua comunidade. Não basta dizer: "Queremos acabar com o consumo abusivo de álcool e drogas na nossa comunidade." Isso é muito vago e não vai acontecer. Em vez disso, determine 10 a 15 metas que deverão ser atingidas pelo seu grupo. Você precisa saber para onde vai, antes de poder

desenvolver um plano para chegar lá.

Certifique-se de que os seguintes procedimentos sejam seguidos para tomar decisões envolvendo a coalizão: consenso, votação democrática e vetos organizacionais.

**SEXTO PASSO.
CRIE UMA VISÃO PARA A SUA
COMUNIDADE**

A declaração de visão dá uma idéia geral da situação, determinando onde a organização está e que rumo ela deve tomar. Uma visão não é um plano. Uma visão significa identificar precisamente o que você quer fazer. A parte de "como fazer" vem depois. Uma declaração de visão deve ser sempre positiva e deve proporcionar inspiração.

**SÉTIMO PASSO.
DETERMINE OS PRÓXIMOS PASSOS**

Você recrutou os participantes. Certifique-se de que todos saibam o que deve ser feito a seguir e estabeleça um programa para atingir essas metas. Marque uma data para a próxima reunião.

O próximo passo lógico é conhecido como planejamento estratégico.

- Crie um comitê de planejamento estratégico e defina a sua finalidade.
- Estabeleça as normas para a participação, como comprometimento, tempo e responsabilidade.
- Identifique recursos suficientes de informação e eduque as pessoas envolvidas com a questão.
- Avalie os recursos de prevenção de uso abusivo de drogas que já se encontram disponíveis na sua comunidade. Envolve essas organizações no seu esforço.

Nunca perca de vista o fato de que mudar e organizar uma comunidade são coisas que exigem tempo, esforço e perseverança. Mas os resultados são compensadores!

MANEIRAS DE COMBATER AS DROGAS

Robert A. Babbage, Jr.

Os Estados Estão Avançando na Luta Contra as Drogas Ilegais

Há quem diga que a vitória completa na luta contra as drogas é pouco provável, mas uma nova pesquisa nacional mostra que os estados estão vencendo importantes batalhas.

Uma pesquisa de todos os estados e territórios, feita pelo Conselho de Governos Estaduais [Council of State Governments] (CSG) demonstra que programas eficazes estão promovendo uma cooperação sem precedentes entre as autoridades dos órgãos de segurança, causando danos consideráveis à indústria da droga, e criando novas armadilhas para os traficantes de drogas.

O mais importante é que os estados estão encontrando todos os componentes de uma estratégia antidroga abrangente, o que inclui a redução no fornecimento de drogas ilegais, providências para que o tráfico de drogas se torne menos lucrativo e a divulgação da prevenção.

"Nossa missão não é nada menos que uma missão de salvação," disse o governador Pedro Rossello, de Porto Rico, em maio de 1998, perante a Força-Tarefa Presidencial do Conselho dos Governos Estaduais para a Luta Contra as Drogas [Council of State Governments' President's Task Force on Fighting Drugs]. Rossello formou a força-tarefa de autoridades estaduais de todo o território nacional, na condição de presidente do CSG, e obteve muito sucesso.

Removendo o Lucro

Em Chicago, unidades especiais de combate ao tráfico concentram seus esforços na apreensão de drogas e na eliminação dos lucros provenientes do tráfico. No período de 1992 a 1997, oito unidades

de profissionais de órgãos federais, estaduais e municipais foram responsáveis pela apreensão de 16 milhões de dólares em moeda norte-americana, aproximadamente 3,4 milhões somente em 1997. Essas unidades prestam apoio, em nível de promotoria, a uma rede estadual de órgãos metropolitanos de segurança.

O trabalho realizado em Chicago é custeado por uma verba federal do Fundo em Memória de Edward Byrne [Edward Byrne Memorial Fund Grant]. O objetivo primordial dessa organização é desbaratar as fontes de lucro associadas às drogas ilegais. Muitos estados afirmam que devem sua capacidade de expandir as medidas antidroga ao uso de verbas do Fundo Byrne.

Interrompendo o Fluxo

Outro exemplo de cooperação entre os órgãos governamentais em nível federal, estadual e municipal é a instituição conhecida como Área de Intenso Tráfico de Drogas [High Intensity Drug Trafficking Area] (HIDTA), custeado pelo governo federal. De modo geral, as verbas federais da HIDTA estimulam a cooperação inter-governamental contra o tráfico de drogas nas áreas geográficas onde o tráfico é um problema de grandes proporções. David Knight, que administra a HIDTA da Costa do Golfo, em Metairie, Louisiana, diz que a força-tarefa da HIDTA, composta por agentes dos departamentos de narcóticos em nível municipal, estadual e federal tem, como alvo específico, os traficantes violentos. As verbas federais tornaram possível a disponibilidade de recursos para o treinamento e para o pagamento de horas extras dos agentes.

A interdição em estradas, uma iniciativa que evoluiu a partir da HIDTA, está tornando possível a captura de centenas de infratores da lei,

relacionados às drogas, anualmente, e a interceptação de milhares de quilos de narcóticos ilegais na área de Baton Rouge, Luisiana. O major Ed Kuhnert, da polícia estadual, disse que o pagamento de horas extras pelo estado é o que tornou esse trabalho viável. "Estamos trabalhando em casos nos quais seria impossível trabalhar cinco ou dez anos atrás."

Esforços similares em todo o território dos Estados Unidos estão produzindo resultados. A Polícia Rodoviária do Estado de Dakota do Norte [North Dakota Highway Patrol] instalou placas nas estradas com o texto "Polícia Estadual em Frente" ou "Interdição de Drogas Neste Trecho" para preocupar os motoristas culpados e tranquilizar os cidadãos cumpridores da lei. A polícia parou 221 veículos em 1997, advertiu 100 motoristas e deu voz de prisão a 118 criminosos.

As autoridades da HIDTA na região de Baltimore, Maryland/Washington, D.C., analisam bancos de dados de vários estados para identificar as ligações telefônicas dos traficantes de drogas para prováveis fornecedores. Graças a esse trabalho, foram descobertos criminosos envolvidos com drogas na área mais imediata, bem como em Nova York, Los Angeles e Miami; esse trabalho, além disso, possibilitou uma cooperação mais ampla entre os estados na luta contra o tráfico de drogas.

No estado associado de Porto Rico, a polícia usa equipamento de raios-X, cães treinados e agentes especiais, com verbas fornecidas pela HIDTA, para apreender drogas a bordo de aeronaves de passageiros ou de carga no aeroporto internacional. O estado de Washington está lidando com o crescente problema da metanfetamina, uma droga característica dos Estados Unidos. Desde a sua fundação em 1996, uma equipe especial da Polícia Estadual quase dobrou a taxa de apreensão nos laboratórios da droga e prendeu um grande número de traficantes. O capitão Daniel E. Davis, da Polícia Estadual disse que as apreensões foram possíveis graças às verbas federais, mas disse também que verbas adicionais, do estado, poderiam possibilitar a expansão do programa. Uma lei estadual, o Projeto N.º 2628, da Assembléia Legislativa, que entrou em vigor em junho de 1998, tem a produção de metanfetamina como alvo, e é considerada um modelo para outros estados.

O estado de Wisconsin, por meio da sua Guarda Nacional, coloca uma aeronave C-26 à disposição de outros estados, quando eles a solicitam, para prestar apoio à luta contra as drogas. O C-26 já foi usado por 12 estados para obter fotografias aéreas e imagens térmicas essenciais.

A Guarda Nacional, em 10 estados, também disponibiliza aeronaves especializadas. O coronel Russ Erler do Escritório da Guarda Nacional [National Guard Bureau], em Washington, D.C., diz que o C-26 ajuda a detectar locais, tanto ao ar livre quanto em recinto fechado, onde há maconha, assim como laboratórios de metanfetamina. Ele também permite a vigilância de outras aeronaves e barcos.

Se um criminoso em Delaware espera receber drogas por meio de empresas particulares de entrega rápida como a Federal Express ou a UPS, ele pode ter uma surpresa. A entrega pode ser feita por um policial. A Polícia Estadual de Delaware custeou um trabalho de cooperação para identificar e interditar carregamentos de drogas. Uma vez identificados, os pacotes contendo drogas são reembalados e entregues por policiais, que a seguir, executam a sua função de cumprimento da lei.

Esforço para a Prevenção

Os estados estão reduzindo a demanda de drogas de várias formas. Oklahoma está coibindo o uso abusivo de drogas legais que devem ser fornecidas mediante receita. Um sistema de rastreamento eletrônico registra todas as medicações que contêm narcóticos, no estado, que são conhecidas como drogas "schedule-II" em conformidade com a legislação federal. Trata-se, de modo geral, de drogas que produzem dependência, como Percodan ou Tylox. O objetivo é localizar os "caçadores de médicos" — pessoas que procuram muitos médicos para obter a mesma receita, como é o caso com medicações que frequentemente são consumidas de forma abusiva, como os analgésicos. O Escritório de Narcóticos do Estado de Oklahoma [Oklahoma State Bureau of Narcotics] identifica as tendências emergentes no abuso das receitas. Em 1997, um estudo da Universidade de Oklahoma [University of Oklahoma] revelou que o programa é uma valiosa ferramenta contra o uso abusivo de drogas.

Em Connecticut, existe um trabalho de prevenção

sob a forma de educação do público. A Força-Tarefa de Narcóticos da Polícia Estadual [State Police Narcotics Task Force] patrocina um "pool" de palestrantes composto de 542 policiais. Eles fizeram mais de 1.000 apresentações, para quase 121.000 pessoas, no ano passado.

Em alguns estados, a prevenção é direcionada aos jovens. Com verbas federais, o Estado de Iowa proporciona aos jovens infratores, com idades de 17 a 21 anos, acompanhamento intensivo, educação, tratamento contra a dependência e treinamento de habilidades para a vida. E o programa funciona. Uma avaliação independente revelou que 64 por cento dos infratores que chegam ao fim do programa não cometem novos crimes, comparados aos 24 por cento que não completam o programa.

Em Filadélfia, Pensilvânia, o programa Diferentes Idades [Accross Ages] combina alunos de alto risco da sexta série do primeiro grau com mentores mais velhos. Os adultos mais idosos usam suas habilidades e experiência para proporcionar apoio aos jovens vulneráveis, e os jovens são estimulados para que prestem serviços comunitários, ajudando os idosos debilitados. Andrea Taylor, a diretora do projeto, disse: Diferentes Idades é uma combinação imbatível. É um modelo fácil de ser reproduzido. O programa dá esperança às crianças. Não se pode fazer isso por meio de aulas. As crianças precisam de um modelo. Todas as pesquisas mostram que as crianças precisam da presença de um adulto que signifique alguma coisa para elas. Se o adulto não for alguém da família, há muitas pessoas boas por aí."

O Centro de Aprendizado Entre Gerações da Universidade de Temple [Temple University's Center of Intergenerational Learning] administra Diferentes Idades, contribuindo com verbas de uma fundação, da comunidade e dos cofres públicos. Uma avaliação independente confirma que ocorrem melhorias significativas na atitude dos alunos no que se refere à escola, aos mais velhos e ao seu próprio futuro, assim como nos seus conhecimentos sobre as drogas e nas suas reações a situações que envolvem o uso de drogas.

William B. Hanson criou o programa All Stars para

fazer com que as crianças pensassem no próprio futuro e nas conseqüências dos seus atos. O programa é ministrado como parte do currículo de saúde e cria oportunidades para que as crianças discutam idéias, opiniões e metas com seus pais. Os alunos que concluem o programa na Lexington Middle School [uma escola que abrange uma faixa equivalente à 7ª e a 8ª séries do 1º grau, e a 1ª série do segundo grau], em Winston-Salem, estado da Carolina do Norte, recebem anéis de prata com pequenas estrelas, para que os participantes se lembrem dos compromissos assumidos no que se refere ao álcool, ao sexo, ao consumo de drogas e outras questões.

Em Cranston, Rhode Island, equipes de jovens criam programas comunitários de prevenção de consumo de drogas, com o apoio de orientadores adultos. Este trabalho está mantendo os jovens envolvidos. Uma contagem independente revela que mais de 70 por cento dos jovens membros das equipes tomam parte em programas de prevenção baseados na comunidade, no ano seguinte.

Muitos estados e jurisdições locais adotaram um modelo de tribunal especializado em drogas que determina uma combinação de tratamento e sanções de níveis variados para os indivíduos envolvidos em crimes não-violentos associados às drogas, assim como outros indivíduos, que se apresentam como voluntários para o programa. O término do tratamento e o cumprimento das sanções, com sucesso, resulta em redução de pena, suspensão das acusações ou redução no valor das multas.

A juíza Mary Noble, que recebeu uma homenagem reconhecida nacionalmente, por ter fundado um bem-sucedido tribunal especializado em drogas, em Lexington, Kentucky, diz que, segundo o conceito, "os juízes são mais solicitados, e está valendo a pena."

Ela enfatiza a responsabilidade. "Eles (as pessoas condenadas) sabem que terão que enfrentar as conseqüências dos seus atos. Existe uma ligação entre o juiz e o réu. Eles se encontram, face a face, todas as semanas. Ninguém jamais lhes deu tanta atenção."

Noble faz questão de que os infratores tenham

empregos em horário integral ou sejam estudantes também em horário integral, participem de grupos de apoio aceitos pelas autoridades, tenham reuniões regulares com um conselheiro, mantenham um diário e vivam em um ambiente estável. "Um item essencial é a realização de testes freqüentes e aleatórios, para detectar a presença de drogas no organismo," Noble disse.

À medida que os estados procuram soluções abrangentes e aperfeiçoam modelos com sucesso comprovado, eles estão, pouco a pouco erradicando o consumo de drogas.

(Robert A. Babbage, Jr. é sócio-gerente da InterSouth, Inc., uma empresa de gerenciamento de decisões. Ele foi auditor do Estado de Kentucky, um cargo eletivo, de 1988 a 1992 e como secretário de estado de 1992 a 1996. Recentemente, ele ocupou um cargo de membro da diretoria do CSG, nas áreas de justiça criminal e correção penal.)

Reproduzido com permissão de STATE GOVERNMENT NEWS, December 1998. Copyright 1998 by the Council of State Governments.

DEPARTAMENTOS

Bibliografia

LIVROS E DOCUMENTOS

Botvin, Gilbert J.

LIFE SKILLS TRAINING: PROMOTING HEALTH AND PERSONAL DEVELOPMENT

Princeton Health Press, 1998. 3 volumes e 3 fitas de áudio.

Callison, William; Colocino, Nancy R.;

Vasquez, Diva A.

SUBSTANCE ABUSE PREVENTION HANDBOOK

Technomic Publishing, 1995. 382 p.

Caulkins, Jonathan P.; and others

PREVENTING DRUG USE AMONG YOUTH THROUGH COMMUNITY OUTREACH: THE MILITARY'S PILOT PROGRAM

Rand Corporation, 1994. 155 p.

COALITION BUILDING 101: GETTING STARTED

Community Anti-Drug Coalitions of America, 1997. 8 p.

Coombs, Robert H.; Ziedonis, Douglas, editors

HANDBOOK ON DRUG ABUSE PREVENTION: A COMPREHENSIVE STRATEGY TO PREVENT THE ABUSE OF ALCOHOL AND OTHER DRUGS

Allyn and Bacon, 1995. 608 p.

Davis, Robert C.; Lurigio, Arthur J.;

Rosenbaum, Dennis P., editors

DRUGS AND THE COMMUNITY: INVOLVING COMMUNITY RESIDENTS IN COMBATTING THE SALE OF ILLEGAL DRUGS

Charles C. Thomas Publisher, 1993. 328 p.

Gruenewald, Paul J.; and others

MEASURING COMMUNITY INDICATORS: A SYSTEMS APPROACH TO DRUG AND ALCOHOL PROBLEMS

Sage Publications, 1996. 112 p.

Levant, Glenn A.

KEEPING KIDS DRUG FREE: D.A.R.E. OFFICIAL PARENT'S GUIDE

Advanced Marketing Services, 1998. 276 p.

Merenda, Daniel W.; Tangeman, Linda B.; Robinson, Virginia

A PRACTICAL GUIDE TO CREATING AND MANAGING COMMUNITY COALITIONS FOR DRUG ABUSE PREVENTION

National Association of Partners in Education, 1997. 75 p.

SECURING THE FUTURE FOR SAFER YOUTH AND COMMUNITIES

National Crime Prevention Council, 1998. 20 p.

disponível na Internet no seguinte endereço:

<http://ncpc.org/2secfut.htm>

U.S. Department of Education. Office of Elementary and Secondary Education. Safe and Drug Free Schools Program

GROWING UP DRUG-FREE: A PARENT'S GUIDE TO PREVENTION

Office of Elementary and Secondary Education, 1998. 52 p.

disponível na Internet no seguinte endereço:

http://www.ed.gov/offices/OESE/SDFS/parents_guide

U.S. Department of Health and Human Services. National Institutes of Health. National Institute on Drug Abuse

PREVENTING DRUG USE AMONG CHILDREN AND ADOLESCENTS: A RESEARCH-BASED GUIDE

National Institute on Drug Abuse, 1997. 38 p.

disponível na Internet no seguinte endereço:

<http://www.nida.nih.gov/Prevention/Prevopen.html>

U.S. Department of Health and Human Services. National Institutes of Health. National Institute on Drug Abuse. Division of Epidemiology and Prevention Research

ASSESSING DRUG ABUSE WITHIN AND ACROSS COMMUNITIES: COMMUNITY EPIDEMIOLOGY SURVEILLANCE NETWORKS ON DRUG ABUSE

National Institute on Drug Abuse, 1998. 130 p.

disponível na Internet no seguinte endereço:

<http://www.nida.nih.gov/DEPR/Assessing/Guideindex.html>

U.S. Department of Health and Human Services. National Institutes of Health. National Institute on Drug Abuse. Office of Science Policy and Communications. Public Information Branch

COMMUNITY READINESS FOR DRUG ABUSE PREVENTION: ISSUES, TIPS, AND TOOLS

National Institute on Drug Abuse, 1997. 176 p.

U.S. Department of Health and Human Services. Substance Abuse and Mental Health Services Administration. Center for Substance Abuse Prevention

CHANGING LIVES: PROGRAMS THAT MAKE A DIFFERENCE FOR YOUTH AT HIGH RISK

Center for Substance Abuse Prevention, 1995. 54 p.

U.S. Department of Health and Human Services. Substance Abuse and Mental Health Services

Administration. Center for Substance Abuse Prevention

EFFECTIVE COMMUNITY MOBILIZATION: LESSONS FROM EXPERIENCE; A CENTER FOR SUBSTANCE ABUSE PREVENTION IMPLEMENTATION GUIDE

Center for Substance Abuse Prevention, 1997. 62 p.

U.S. Department of Health and Human Services. Substance Abuse and Mental Health Services Administration. Center for Substance Abuse Prevention

KEEPING YOUTH DRUG-FREE: A GUIDE FOR PARENTS, GRANDPARENTS, ELDERS, MENTORS, AND OTHER CAREGIVERS

Center for Substance Abuse Prevention, 1998. 22 p.

(disponível na Internet no seguinte endereço:

<http://www.health.org/reality/ParentsGuide/index.htm>)

U.S. Department of Health and Human Services. Substance Abuse and Mental Health Services Administration. Center for Substance Abuse Prevention

REALITY CHECK: COMMUNITY KIT

Center for Substance Abuse Prevention, 1998. 40 p.

(disponível na Internet no seguinte endereço:

<http://www.health.org/reality/CommunityKit/kitnoframe.htm>)

U.S. Executive Office of the President. Office of National Drug Control Policy

REDUCING DRUG ABUSE IN AMERICA: AN OVERVIEW OF DEMAND REDUCTION INITIATIVES

Office of National Drug Control Policy, 1999. 48 p.

(disponível na Internet no seguinte endereço:

<http://www.whitehouse.drugpolicy.gov/drugabuse/toc.html>)

Wilson, Richard W.; Kolander, Cheryl A.

DRUG ABUSE PREVENTION: A SCHOOL AND COMMUNITY PARTNERSHIP

Jones and Bartlett Publishers, 1997. 356 p.

ARTIGOS

Babbage, Richard J.

WAYS TO FIGHT DRUGS

State Government News, Vol. 1, No. 10, December 1998, pp. 24-27

Buchanan, David R.; Wallack, Lawrence

THIS IS THE PARTNERSHIP FOR A DRUG-FREE AMERICA: ANY QUESTIONS?

Journal of Drug Issues, Vol. 28, No. 2, Spring 1998, pp. 329-356

Catalano, Richard F.; and others

AN EXPERIMENTAL INTERVENTION WITH FAMILIES OF SUBSTANCE ABUSERS: ONE-YEAR FOLLOW-UP OF THE FOCUS ON FAMILIES PROJECT
Addiction, Vol. 94, No. 2, February 1999, pp. 241-254

Guilmet, George M.; Whited, David L.;

Pijanowski, Cheryl

THE SAFE FUTURES INITIATIVE AT CHIEF LESCHI SCHOOLS: A SCHOOL-BASED TRIBAL RESPONSE TO ALCOHOL-DRUG ABUSE, VIOLENCE-GANG VIOLENCE, AND CRIME ON AN URBAN RESERVATION

American Indian Culture and Research Journal, Vol. 22, No. 4, 1998, pp. 407+

Hora, Peggy Fulton; Schma, William G.;

Rosenthal, John T. A.

THERAPEUTIC JURISPRUDENCE AND THE DRUG TREATMENT COURT MOVEMENT: REVOLUTIONIZING THE CRIMINAL JUSTICE SYSTEM'S RESPONSE TO DRUG ABUSE AND CRIME IN AMERICA

The Notre Dame Law Review, Vol. 74, No. 2, 1999, pp. 439-537

Johnson, Knowlton; Bryant, Denise D.;

Berbaum, Michael

PREVENTING AND REDUCING ALCOHOL AND OTHER DRUG USE AMONG HIGH-RISK YOUTHS BY INCREASING FAMILY RESILIENCE

Social Work, Vol. 43, No. 4, July 1998, pp. 297-308

King, Wanda

THE TULARE COUNTY JUVENILE DRUG COURT

Family Futures, Vol. 2, No. 3, 1998, pp. 44+

Miller-Heyl, Jan; MacPhee, David; Fritz, Janet J.

DARE TO BE YOU: A FAMILY-SUPPORT, EARLY PREVENTION PROGRAM

The Journal of Primary Prevention, Vol. 18, No. 3, Spring 1998, pp. 257-285

Pilgrim, Colleen; and others

IMPLEMENTATION AND IMPACT OF A FAMILY-BASED SUBSTANCE ABUSE PREVENTION PRO-

GRAM IN RURAL COMMUNITIES

The Journal of Primary Prevention, Vol. 18, No. 3, Spring 1998, pp. 341-361

Rauch, Heidi; Perez, Maria Eugenia

A COASTAL COALITION AGAINST DRUGS

Americas, Vol. 50, No. 6, November/December 1998, pp. 52-54

Sroka, Stephen R.

SEX, DRUGS AND DENIAL: VIOLENCE AND RISKY BEHAVIOR SOUND A WAKE-UP CALL FOR SCHOOLS

The American School Board Journal, Vol. 185, No. 7, July 1998, pp. 41, 47

Sterk, Claire E.

BUILDING BRIDGES: COMMUNITY INVOLVEMENT IN DRUG AND HIV RESEARCH AMONG MINORITY POPULATIONS

Drugs and Society, Vol. 14, No. 1/2, 1999, pp. 107-121

St. Pierre, Tena L.; and others

INVOLVING PARENTS OF HIGH-RISK YOUTH IN DRUG PREVENTION: A THREE-YEAR LONGITUDINAL STUDY IN BOYS AND GIRLS CLUBS

The Journal of Early Adolescence, Vol. 17, No. 1, 1997, pp. 21-50

Whiteside-Mansell, Leanne; and others

THE DEVELOPMENT AND EVALUATION OF AN ALCOHOL AND DRUG PREVENTION AND TREATMENT PROGRAM FOR WOMEN AND CHILDREN: THE AR-CARES PROGRAM

Journal of Substance Abuse Treatment, Vol. 16, No. 3, 1999, pp. 265-275

Winters, Ken C.

KIDS AND DRUGS

Corrections Today, Vol. 60, No. 6, 1998, pp. 118-121, 163, 168

SITES NA INTERNET

RECURSOS DA ÁREA GOVERNAMENTAL

The Office of National Drug Control Policy (ONDCP)

<http://www.whitehousedrugpolicy.gov/>

O Escritório de Política Nacional de Controle de Drogas [Office of National Drug Control Policy] faz parte do Escritório Executivo do Presidente [Executive Office of the President]. O ONDCP coordena os esforços em âmbito federal, estadual e municipal para controlar o consumo de drogas ilegais e cria estratégias nacionais para conduzir atividades antidroga de forma eficaz. Este site apresenta informações sobre programas e materiais para a prevenção e a educação.

Substance Abuse and Mental Health Services Administration (SAMHSA)

<http://www.samhsa.gov/>

A SAMHSA é o principal órgão do governo federal para melhorar a qualidade e a disponibilidade dos serviços relacionados à prevenção de uso de drogas, tratamento para viciados e saúde mental. Este órgão está subordinado ao Departamento de Saúde e Serviços Humanos dos Estados Unidos [U.S. Department of Health and Human Services].

Center for Substance Abuse Prevention (CSAP)

<http://www.samhsa.gov/csap/>

O CSAP faz parte da SAMHSA, Administração de Serviços Referentes à Dependência Química e à Saúde Mental [Substance Abuse and Mental Health Services Administration]. O CSAP apóia e promove sistemas abrangentes de prevenção e participação da comunidade.

National Clearinghouse for Alcohol and Drug Information (NCADI)

<http://www.health.org/>

O NCADI é o serviço de informações do Centro de Prevenção do Consumo de Drogas [Center for

Substance Abuse Prevention] do Departamento de Saúde e Serviços Humanos dos Estados Unidos [U.S. Department of Health and Human Services]. O NCADI é "o maior recurso do mundo no que se refere a informações atualizadas e materiais a respeito do consumo de drogas". O site inclui material em espanhol.

National Institute on Drug Abuse (NIDA)

<http://www.nida.nih.gov/>

O NIDA faz parte dos Institutos Nacionais de Saúde [National Institutes of Health], do Departamento de Saúde e Serviços Humanos dos Estados Unidos [U.S. Department of Health and Human Services]. O Instituto lidera, em âmbito nacional, e conduz e apóia a pesquisa e a divulgação referentes à prevenção e ao tratamento da dependência química.

U.S. Information Agency. Narcotics and Substance Abuse

<http://www.usia.gov/topical/global/drugs/subab.htm>

Este site tem como enfoque principal a política do governo dos Estados Unidos, bem como as coalizões comunitárias e as organizações envolvidas na prevenção e no tratamento.

COALIZÕES COMUNITÁRIAS / ORGANIZAÇÕES

American Council for Drug Education (ACDE)

<http://www.acde.org/>

O ACDE desenvolve programas e materiais.

Community Anti-Drug Coalitions of America (CADCA)

<http://www.cadca.org/>

A CADCA trabalha em conjunto com os membros das coalizões comunitárias para tornar realidade o seu objetivo: Comunidades livres das drogas.

Council on Prevention and Education

<http://www.copes.org>

Programas para o crescimento pessoal e melhoria do relacionamento familiar que aumentam a resistência da criança ao consumo de drogas.

Join Together Online

<http://www.jointogether.org/>

Essa organização apóia os esforços baseados na comunidade na luta contra o consumo de drogas

National Center for Addiction and Substance Abuse at Columbia University (CASA)

<http://www.casacolumbia.org/>

O Centro é um recurso para a pesquisa da dependência e do consumo de drogas. Ele explora os custos e o impacto do tratamento da dependência química, bem como informações sobre prevenção e tratamento.

National Crime Prevention Council (NCPC)

<http://www.ncpc.org/>

Neste site, o NCPC fornece informações úteis a respeito da prevenção do crime e da construção das comunidades, com algum material em espanhol.

Partnership for a Drug-Free America

<http://www.drugfreeamerica.org/>

A Parceria em Prol de uma América Livre de Drogas [Partnership for a Drug-Free America] é uma coalizão, sem fins lucrativos, de profissionais da indústria da comunicação. Sua missão é reduzir o uso das drogas ilegais, mudando as atitudes do público em relação a elas.

PRIDE (Parents Resource Institute for Drug Education)

<http://www.prideusa.org>

A Parceria em Prol de uma América Livre de Drogas [Partnership for a Drug-Free America] é uma coalizão, sem fins lucrativos, de profissionais da indústria da comunicação. Sua missão é reduzir o uso das drogas ilegais, mudando as atitudes do público em relação a elas.

questões globais

Julho de 1999, Volume 4, Número 2

Enfrentando o
Problema das
Drogas

Iniciativas das Comunidades

